



PACOPAR

PAINEL CONSULTIVO COMUNITÁRIO DO PROGRAMA ATUAÇÃO RESPONSÁVEL
REVISTA 2012



ÍNDICE

Edição: Pacopar • **Redação:** Ana Paula Valente, Dina Sebastião, Paulo Caetano • **Design Gráfico:** Sérgio Temido
Impressão: FIG - Indústrias Gráficas, S.A. **Tiragem:** 2.500 ex. • **Fotografia:** © A. Castro Valente: pág. 5 • © Sérgio Temido: pág. 6, 8, 9, 10, 13, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 • © Agrupamento de Escolas da Avanca: pág. 14, 15, 16 • © Agrupamento de Escolas de Estarreja: pág. 17, 52 • © Agrupamento de Escolas de Pardilhó: pág. 18 • © Escola Secundária de Estarreja: pág. 19 • © Cerciesta: pág. 20, 21 • © Santa Casa da Misericórdia: pág. 22, 51 • © PACOPAR: pág. 23, 48, 49, 50 • © Associação Cultural e Recreativa Saavedra Guedes: pág. 23 © TJA: pág. 52 (foto superior) © Câmara Municipal de Estarreja: pág. 48, 53 • © Paulo Caetano: pág. 54, 55 • © António Bento / Cine-clube de Avanca: pág. 56, 57

EDITORIAL	4
ANTÓNIO CASTRO VALENTE	
ENTREVISTA	6
JOSÉ EDUARDO DE MATOS	
DOSSIÊ DONATIVOS	14
DOSSIÊ FORMAÇÃO E EMPREGO	24
MAIS DIÁLOGO PARA MELHOR	
ADEQUAÇÃO DE CURSOS PROFISSIONAIS	24
DETERMINAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO E DEDICAÇÃO: ARMAS DE EMPREENDEDOR	30
ESPAÇO APEQ	38
INDICADORES	40
DESEMPENHO DE SEGURANÇA DAS EMPRESAS DO CQE	40
DESEMPENHO AMBIENTAL DAS EMPRESAS DO CQE	42
BREVES	48
LAZER	54
COM AS MÃOS NA MASSA	54
AVANCA 2013 – UM FESTIVAL DE CINEMA	56
CONTACTOS	58

O PRESENTE É SEMPRE TRANSIÇÃO

ANTÓNIO CASTRO VALENTE
CHAIRMAN DO PACOPAR

Passado e futuro cruzam-se nesta edição da Revista PACOPAR. Se é certo que o passado do Painel marcou a mudança do paradigma de desenvolvimento das empresas químicas em Estarreja, o futuro quer “um novo fôlego”. É o presidente da Câmara Municipal de Estarreja que faz o apelo na entrevista que abre esta edição. José Eduardo de Matos iniciou o primeiro mandato em 2001, no mesmo ano em que o PACOPAR foi constituído, com a autarquia como membro fundador. É um bom pretexto para balanços.

Para trás ficaram 12 anos de criação de sinergias entre os vários membros do PACOPAR, que deram frutos em várias áreas, na proteção civil, segurança e prevenção de riscos, proteção do ambiente, formação e informação. Ao desenvolver uma relação mais próxima com a comunidade e conhecer melhor as suas necessidades, as empresas químicas perceberam que podiam reforçar a sua Atuação Responsável. Iniciaram um programa anual de donativos destinados a projetos de cariz social e sem fins lucrativos. Fizemos um périplo por algumas instituições beneficiárias e apresentamos no dossiê desta edição diversas concretizações que nos últimos anos têm ajudado várias entidades a cumprir a sua missão.

A valorização da formação e educação foi desde a primeira hora uma linha orientadora da ação do Painel. Logo no seu segundo ano de existência, as escolas foram convidadas para serem membros do PACOPAR, sendo hoje um elemento importante de ligação com a comunidade. E a opinião é unânime: um maior diálogo entre escola e empresa precisa-se. Assim transparece no artigo que tenta encontrar respostas para a questão ‘como podem os cursos de formação profissional melhor adequar-se às realidades e necessidades das empresas?’

Escola e empresa tentam antecipar o futuro. Porque da formação, da especialização, da dedicação e do trabalho parece nascer a competência e, até, a determinação. Estas são características comuns que encontramos nas histórias dos empreendedores de Estarreja, que oferecem a esta edição da Revista PACOPAR o relato das suas experiências e alguma inspiração. Um exemplo de quando a formação resulta na criação do próprio emprego. Porque é possível caminhar contra o vento.

Que o diga o Cine-Clube de Avanca, que é hoje um dos produtores e distribuidores de cinema e audiovisual mais reconhecidos do país, tendo já recebido mais de 150 prémios nacionais e internacionais. Nas sugestões de lazer esperamos despertar-lhe a curiosidade pelo cinema de Avanca e abrir-lhe o apetite. A Confraria da Broa de Avanca está a conquistar os paladares da modernidade *gourmet* com esse “pão dos pobres”, amassado e cozido pela sabedoria popular e secular. É a metamorfose do passado no futuro.

Como habitualmente, continuamos a ter, nesta edição, os indicadores de desempenho de segurança e ambiente das empresas químicas e as notícias breves do PACOPAR, sobre as principais atividades realizadas no ano passado. O artigo da Associação Portuguesa das Empresas Químicas continua a dar-nos perspetivas sobre a Atuação Responsável.

Esperamos que os vários temas explorados na Revista PACOPAR 2012 lhe despertem também uma reflexão sobre o passado e futuro de Estarreja, porque o presente é sempre esse tempo de transição que nos deve motivar a sermos cidadãos ativos e interventivos.



A FINALIZAR O ÚLTIMO MANDATO NA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESTARREJA

JOSÉ EDUARDO DE MATOS APELA “A NOVO FÔLEGO” DO PACOPAR

José Eduardo de Matos foi eleito, pela primeira vez, para a Câmara Municipal de Estarreja (CME), em 2001, no mesmo ano em que o PACOPAR foi constituído. Ao longo de 12 anos, a autarquia foi um par-

ceiro de diálogo e concretizações do Painel, como um dos seus membros fundadores. Não deixando de reconhecer a importância do PACOPAR para a mudança do paradigma de desenvolvimento da in-

dústria química em Estarreja, José Eduardo de Matos apela a “um novo fôlego” para o Painel. Neste ano de término do seu terceiro e último mandato como presidente da Câmara, conversámos com

PERFIL

Em 2001, quando assumiu pela primeira vez a presidência da Câmara Municipal de Estarreja, aos 41 anos, José Eduardo de Matos havia já construído uma carreira na advocacia, após ter concluído a licenciatura em ciências jurídico-políticas na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Antes de enveredar pela política, traçou um vasto currículo no associativismo, tendo estado ligado à RUC (Rádio Universidade de Coimbra), aos jornais *O Concelho de Estarreja* e *Jornal de Estarreja*, à Rádio Voz da Ria, à Associação Quinta do Rezende, ao Clube Pardilhoense, ao Fórum Estarrejense, ao Rotaract Clube de Estarreja, à Associação Atlética de Avanca, aos Bombeiros Voluntários de Estarreja, entre outras entidades.

aquele que é também o terceiro presidente democraticamente eleito na história do municipalismo de Estarreja, para refletirmos sobre algumas mudanças ocorridas na última dúzia de anos.

Estudou em Coimbra e após a licenciatura em Direito regressou à terra. A política não estava ainda nos planos, mas o associativismo foi a primeira forma de estar ao serviço da comunidade. Fale-nos um pouco dessa vivência.

Antes de ir para Coimbra já tinha relação com coletividades. É uma tradição que temos no concelho e oxalá nunca se perca. Quando voltei de Coimbra, mantive essa relação. Estive ligado à fundação da Rádio Voz da Ria, antes já tinha fundado o Rotaract. Mais tarde, estive na Associação da Quinta do Rezende, nos Bombeiros... Mantive sempre a relação de vida pública, com algumas pessoas a achar que tinha algum jeito para a política e eu considerava que eram campos diferentes. Até que percebi que, no fundo, fazia *empowerment*, hoje um tema muito na moda, o envolvimento dos cidadãos. Era ativo, participativo, envolvido nas causas e basicamente já fazia política sem saber, embora não como nós a entendemos formalmente.

Foi convidado várias vezes antes de aceitar candidatar-se à presidência da CME. Porque é que hesitava?

Achava que a política era para os políticos e eu não tinha nada a ver com isso. Havia uma parte racional que dizia para não ir, mas depois uma parte emocional que dizia: não vais porquê? Isso gerou em mim um stresse e no fundo quando decidi ir fi-lo até para demonstrar que é possível



estar na política com credibilidade, que basicamente ia fazer o que fazia no privado, dedicar-me às coisas.

Qual foi a decisão mais difícil de tomar ao longo destes 12 anos?

A mais difícil foi mesmo se concorria ou não. Depois houve muitos processos difíceis que se tornaram decisões fáceis e algumas situações que pareciam fáceis e se tornaram difíceis. As decisões mais difíceis são as que envolvem uma pressão maior, um envolvimento maior das populações, um stresse noticioso. Por exemplo, o caso das urgências do hospital foi uma situação complicada, tal como as questões à volta do IC1. Foram mais esses momentos em que houve marcação, tensão, em que é preciso um discernimento maior. É preciso nestes momentos ter uma ponderação extra. Não basta ter competência técnica, tem de se ter uma ponderação acima da média.

Já considerou recentemente que o objetivo de “virar Estarreja para a Ria”, o *slogan* que o acompanhou nos seus mandatos, foi concretizado. Considera que, além da CME, também a indústria contribuiu para isso?

Acho que o primeiro papel é da CME. A única forma de fazer políticas públicas com sentido é conhecer o território, que é conhecer a sua cultura, história, gentes, potencialidades, os seus bloqueios e depois disso procurar encontrar um caminho. O que acontece muitas vezes é o desconhecimento do território. Eu conhecia bem o território de Estarreja, a sua realidade e as dimensões em que podíamos crescer. Estarreja tinha uma grande notoriedade, mas era negativa. O desafio que eu tinha era transformar essa notoriedade negativa em positiva. Tivemos um modelo de desenvolvimento muito assente na era industrial moderna, que teve os seus benefícios e malefícios. Foi uma opção nacional colocar aqui essa indústria. Portanto, havia que encarar isto de frente.

Tínhamos a questão da poluição, mas Estarreja era mais do que isso. Se há um elemento do território comum a todo o concelho é a Ria. Esse foi um aspeto que hoje é simbolizado pelo BioRia. Um grupo de alunos da Universidade do Porto viu que esse era o *slogan* de candidatura, veio ter conosco para implementar um projeto e nasceu o BioRia. Tínhamos aqui ao lado a Universidade de Aveiro que se tinha preocupado e bem, na emer-



gência das questões ambientais, com o problema da poluição, mas não saiu então desse paradigma. Agarrou-se ao mesmo tipo de preconceito que existiu nas entidades governamentais: o ambiente é para ser protegido e vedado. O BioRia vem ser pioneiro porque diz que há aqui um património, que temos de proteger, valorizando-o.

Para tirar partido dessa frente lagunar, tivemos de enfrentar a poluição. Faz-se um trabalho conjugado no concelho e a nível regional, que foi implementar o SIMRIA (Sistema Inter-municipal de Saneamento da Ria de Aveiro). O meu esforço dos primeiros anos com a colaboração do Complexo Químico de Estarreja (CQE) foi garantir a ligação de todas as empresas ao SIMRIA e acabar com o fenómeno dos efluentes. E surgiu também o projeto ERASE (ver caixa), que permitiu fazer o confinamento de um passivo que estava a céu aberto. Essas colaborações e soluções vieram dar resposta a um anseio global, criando condições para que a viragem para a Ria pudesse acontecer.

ERASE

O ERASE é um projeto de remediação do passivo ambiental associado aos resíduos sólidos industriais acumulados ao longo de décadas no Complexo Químico de Estarreja. O projeto teve o seu epílogo em 2005, com o confinamento, em estrutura completamente impermeabilizada, de milhares de toneladas de materiais contaminados. Com o empenhamento das empresas químicas neste projeto e o continuado investimento em tecnologias de proteção ambiental, o impacto no ambiente das atividades industriais tem vindo a reduzir-se significativamente.

Quais são as mudanças mais significativas que identifica na evolução do CQE, ao longo destes 12 anos?

Essa questão ambiental é uma delas, a interiorização de que o modelo original já não era válido. Hoje há um sentido global de desenvolvimento sustentável que implica essa relação mais equilibrada entre a produção e as emissões. E as empresas perceberam isso. A relação que antigamente existia, baseada no pressuposto de que as empresas são boas porque dão emprego, inverte-se quando se percebe que há um conjunto de fontes de poluição com origem no CQE. Isso origina a necessidade de mudança e as empresas deram



passos no sentido de estabelecer uma relação com a própria comunidade. E há essa mutação, cimentada no PACOPAR. No fundo, as empresas passaram a ter um rosto. Antes não havia uma relação tão próxima de conhecimento das faces humanas. Podemos encontrar soluções de gestão, mas o conhecimento pessoal dá uma vantagem muito grande. As empresas passaram a ter rosto e para mim isso foi uma mudança fundamental. E o princípio do PACOPAR, do *Responsible Care* (Atuação Responsável), é transversal. Não serve só para as empresas, mas para todos nós. Esta relação torna-se virtuosa, não são só as empresas que ganham com ela é também a comunidade que aprende ao longo do tempo com o *know how* das empresas. E se fomos percussores deste paradigma da responsabilidade social, nós agora somos confrontados com novos desafios. O desafio de hoje para o PACOPAR e a comunidade de Estarreja é não permitir o adormecimento. Temos muitas responsabilidades locais, nacionais e europeias. O PACOPAR ganhou um prémio europeu, andamos na moda há muito tempo. Temos de ganhar novo fôlego, contrariando alguns ventos letárgicos.

E de que forma acha que o PACOPAR pode melhorar o seu desempenho, materializar esse novo fôlego?

O PACOPAR tem um passado riquíssimo nesta relação, é um antecipador de muitos conceitos e práticas atuais, eu próprio aprendi com isso. Nenhuma das empresas está como estava há dez anos. Todas fizeram profundas mudanças e o PACOPAR tem de as acompanhar. O caminho não é reduzir apoios, atrasar processos, é alargar ainda mais. Às vezes, tenho a perceção de que as respostas tardam e não podem tardar tanto. Estamos num tempo em que se exigem mais respostas e mais rápidas que as empresas podem dar. Por um lado, o PACOPAR tem uma marca sólida em Estarreja, mas precisa de chegar mais longe. Gostava que houvesse uma in-

terceção maior com a comunidade, um sentido de responsabilidade mais forte, acompanhando esta tendência da ONU e da União Europeia, com a vantagem de que aqui já temos alicerces. Não estamos a fazer isto por moda, mas por atitude, aprofundando mais a relação com a comunidade. Sabemos muito. Temos experiência e saber, mas temos de o aprofundar. Já percebemos todos que os modelos tradicionais de crescimento económico não podem existir. O meu desejo e apelo é que o PACOPAR não adormeça à custa dos feitos do passado, que são muitos e bons, mas que vá em frente, com um novo fôlego, que apoie mais, que envolva mais, que seja mais transparente.

“TODOS CONTRIBUÍMOS PARA A EVOLUÇÃO E MUTAÇÃO DE UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO”

Apesar da hesitação inicial em candidatar-se, José Eduardo de Matos conclui agora que gostaria de ter vindo mais cedo para a política, pois considera a década de 90, após a de 80, “época de afirmação do poder autárquico”, das mais frutuosas para o municipalismo, antes das imposições relativas aos défices orçamentais.

O QUE TEM ESTARREJA DE DIFERENTE ENTRE HOJE E HÁ 12 ANOS?

Dimensões várias que se substituíram a uma focagem inicialmente virada apenas para a indústria. “Hoje fala-se de Estarreja que tem indústria, tem um Eco-parque Empresarial, uma aposta diferente pelas questões ambientais, uma cultura forte, uma aposta na educação”, refere, colmatando: “Temos na relação com o ambiente uma perspectiva ativa e inovadora. Nessa perspectiva, todos contribuimos para a evolução e mutação de um modelo de desenvolvimento.”

REGRESSO À ADVOCACIA?

Poderá ser uma possibilidade de futuro, após deixar a presidência da CME, mas não a única. Realçando a possibilidade de regresso ao seu escritório de advocacia, José Eduardo de Matos não descarta a hipótese de analisar uma continuidade da carreira de serviço público. “Mas neste momento, não sei”, afiança.



Estarreja é hoje um concelho com uma proteção civil mais articulada e melhor preparada do que há 12 anos?

Julgo que sempre houve uma preocupação grande com a proteção civil no concelho. Até houve alturas em que não se perceberam os impactos que essa preocupação podia ter na população e houve algum alarmismo. Houve sempre uma preocupação das autoridades públicas e das empresas. Mas tivemos de arranjar um equilíbrio diferente. Prevenir o que podemos prevenir, planear o que podemos planear e junto da opinião pública prevenir da forma correta. Estamos cá, estamos preparados. Todos os dias trabalhamos com produtos perigosos. Acho que houve sempre uma preocupação das empresas e autoridades e hoje há um maior equilíbrio.

Tem saudades da advocacia?

Sempre tive. Essa era uma razão do dilema em vir para a política. Gostava da advocacia, tive uma carreira bem sucedida, tenho saudades e vou todas as semanas ao meu escritório. Usei a minha mão jurídica, e ainda uso, para resolver questões cá dentro, mas mantive a minha correspondência no meu escritório e vou lá todas as semanas, religiosamente. Não quero perder essa ligação, porque ela faz parte da minha segurança e a minha segurança faz parte da minha liberdade, alicerça-a, e porque é um mundo do qual sempre gostei. E, aonde, quem sabe regressarei.

Como é que gostaria de ver Estarreja daqui a 20 anos?

Gostaria de ver bem melhor do que hoje. Nem nós fazemos tudo, nem fazemos tudo bem. Há sempre novas áreas para apostar e novos caminhos para percorrer. Nesta altura, por força da mais recente evolução, os parâmetros em que se move um autarca são sempre diferentes daqueles em

que me movi. Foram sempre diferentes, mas agora houve sempre uma mudança mais drástica. Atualmente, a CME já se redirecionou para o futuro. Vai sobretudo manter obras, não vai ser tão empreiteira. Vai focar-se mais na qualidade de serviço, em relações sociais mais fortes. Esse é um caminho que poderá ser aprofundado com estas questões das comunidades intermunicipais, onde pode haver aí algum regionalismo escondido ou envergonhado. Portugal tem um problema de centralização. O que desejo para Estarreja é que, aprofundado o caminho de descentralização, haja possibilidade de o fazer e que esta nova focagem tenha da parte dos autarcas grande dedicação e capacidade de entrega.

FACETAS MENOS CONHECIDAS

José Eduardo de Matos foi atleta federado de futebol. Esta e o gosto pela leitura são facetas menos conhecidas do autarca. Com as lides camarárias, a leitura ficou para segundo plano, mas é enquanto presidente que vai colocando umas pitadas poéticas ao seu estilo, num discurso aqui ou num texto ali. Procura assim aligeirar a seriedade da vida com o humor. “Eu era muito *queirosiano*, embora o Eça tenha muita acidez de que eu não gosto, mas o sentido da ironia positiva é muito importante. E a perspetiva do sonho é fundamental”, considera. Quando se iniciou como presidente da CME, deixou de ler livros e passou a ler relatórios. “Agora só consigo ler livros no verão e às vezes quando são obras que apresento. E leio jornais, os assuntos que sigo”, diz, vendo na cultura uma função de catarse. “Se não tivermos essa dimensão cultural, ficamos demasiado presos ao dia a dia, à mesquinhez, a estas dificuldades e problemas. São problemas reais, mas não vale a pena estarmos sempre a ‘malhar’ no mesmo, porque não é por aí que vamos conseguir soluções. Julgo que a dimensão cultural nos eleva, nos dispersa disto e nos dá uma perspetiva diferente, pode ser de sonho, mas o sonho comanda a vida e isso é sempre um bom sítio para nos encontrarmos.”



PROGRAMA ANUAL DE DONATIVOS DO PACOPAR – QUE RESULTADOS?

MAIS EDUCAÇÃO, MAIS APOIO SOCIAL, MAIS PROTEÇÃO CIVIL

Desde que iniciaram o seu programa anual de donativos, as empresas químicas do PACOPAR já apoiaram, até 2013, cerca de 100 projetos comunitários de Estarreja, num montante de mais de meio milhão de euros. O programa anual de donativos é promovido pelas empresas Air Liquide, AQP, CIRES, CUF-QI e Dow Portugal (a TJA participou em dois anos) desde 2006, com o intuito de ajudar a concretizar projetos de instituições locais, sem fins lucrativos, que tenham como objetivo alcançar um benefício social, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida em Estarreja.

Ao longo dos vários anos, foram apoiados projetos em áreas que as empresas têm considerado

essenciais para o desenvolvimento e bem-estar da comunidade de Estarreja, como a educação, ação social, proteção civil e desporto. Após cinco anos consecutivos de implementação do programa, o PACOPAR fez um périplo por alguns projetos concretizados com donativos concedidos, partilhando as conclusões das próprias instituições: o programa de donativos do Painel tem contribuído para concretizar a missão de várias organizações.

EDUCAÇÃO

Grande parte dos apoios concedidos têm sido canalizados para projetos educativos, que se têm refletido no melhoramento de condições materiais de bibliotecas e do aumento do seu espólio

bibliográfico, na aquisição de quadros interativos e outros equipamentos eletrónicos e de laboratório, que têm permitido melhorar as condições pedagógicas das escolas.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE AVANCA Biblioteca escolar renovada

Antes do ano letivo de 2007/2008, a biblioteca do agrupamento era desadequada às necessidades e as obras literárias eram escassas. Com o projeto da nova biblioteca, que unificou três salas contíguas, criou-se um espaço amplo, com zona de atendimento, área de consulta, computadores com acesso à internet e zonas para leitura, vídeo e áudio. A biblioteca serve cerca de 650 alunos do pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º ciclos do agrupamento.

“A biblioteca pôde assim acompanhar as mudanças exigidas, contribuir para o sucesso escolar, desenvolver as diversas literacias, através de atividades desenvolvidas ao longo do ano, em colaboração com todos os grupos disciplinares. Melhorou significativamente o seu desempenho no desenvolvimento e apoio às várias áreas disciplinares e outras atividades que se direcionam para o desenvolvimento educativo.” Elsa Moinheiro, diretora do Agrupamento de Escolas de Avanca (AEA)

Educar para a saúde, compreendendo as ciências da vida

“À descoberta dos ecossistemas”, “Investigar a realidade – conhecer a verdade”, “Pensar saúde, viver melhor” e “Cientistas no ensino básico” foram os projetos desenvolvidos no âmbito do objetivo educação para a saúde, através do conhecimento sobre as ciências da vida. Foram realizadas atividades de formação/informação e *workshops* sobre estilos de vida saudável, que incutam uma mudança de comportamentos em toda a comunidade educativa. Na área de ciências experimentais, o laboratório de ciências naturais foi requalificado com material diverso, possibilitando a realização de aulas com maior incidência da componente prática, levando os alunos a envolverem-se mais nas matérias científicas e técnicas, para melhor compreender o mundo que os rodeia.

“É notória a evolução em termos de interesse e gosto pelas aprendizagens, da maior parte dos alunos, com reflexos inevitáveis em termos de promoção do sucesso educativo e da prevenção do abandono escolar, permitindo que muitos deles enveredassem por percursos relacionados com a ciência e a tecnologia.” Elsa Moinheiro, diretora do AEA



Crianças em segurança sempre

O projeto, que ainda está em desenvolvimento, abrange cerca de 350 alunos dos 2.º e 3.º ciclos, com o objetivo de dotar a escola de equipamento mais adequado à manutenção da segurança. Foram instalados um ponto de tomada de água com dispositivo de manobra e engate rápido, sinalética fotoluminescente de meios de fuga e de saídas de emergência e sistemas de combate a incêndio, como um extintor e uma manta corta fogos na cozinha. Pretende-se reduzir a possibilidade de ocorrência de incêndio na escola e aumentar os meios de combate.

Dotar a escola com QI multimédia

As salas de aula da EB1 do Mato foram apetrechadas com quadros interativos (QI), que permitiram diversificar as possibilidades técnicas de ensino e aprendizagem dos alunos.

“O quadro interativo opera como um instrumento de ensino/aprendizagem que permite despertar a concentração/empenho dos alunos e promover um maior envolvimento, sendo desta forma um meio facilitador da aprendizagem.” Elsa Moinheiro, diretora do AEA



Crescer a brincar

No recinto da EB1 e Jardim de Infância da Bandeira, foi criado um piso onde os alunos podem desenvolver atividades físicas e cognitivas, importantes para a sua formação como seres sociais, participativos e críticos.

“Sempre que o tempo permite, é neste espaço que se desenvolve a atividade física e a expressão dramática, graças às excelentes características que o piso oferece. São dinamizadas outras atividades que permitem aos alunos desenvolver a sua socialização no âmbito de atitudes e valores conducentes à sua formação integral.” Elsa Moinheiro, diretora do AEA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA “Aprender brincando”

Implementado na Escola Básica de Canelas, este projeto educativo consistiu no apetrechamento da biblioteca, através da aquisição de estantes, computador, impressora, obras de leitura e materiais lúdicos e pedagógicos.

“Imagens da felicidade dos alunos que, no recreio, libertam as suas energias, usufruindo do material comprado, brincando no lugar e no tempo próprio.” Luísa Santos, professora da EB1 de Canelas

“Cantinho da leitura” e “Recreios animados”

Foram dois projetos desenvolvidos nos anos letivos de 2008/2009 e 2009/2010, na Escola Básica do Pinheiro, que previram a criação de um espaço de leitura para as crianças e apetrechamento do recreio da escola.

“A Leitura (Con)vida”, “Brincando com regras” e “Crescer com a matemática”

A EB1 Senhora do Monte desenvolveu três projetos ao longo de vários anos letivos. Para convidar à leitura, foram adquiridos livros e estantes, jogos didáticos e uma máquina de filmar. Outros novos recursos, como CD's, DVD's, *datashow*, dois computadores portáteis e um sistema de *karaoke* permitiram brincar com regras, enquanto novos jogos didáticos contribuíram para o crescimento com a matemática.

“Vamos ter cuidado com a nossa postura”

Garantir uma postura correta para as crianças foi prioridade da EB1 de Santo Amaro, que adquiriu vários equipamentos ergonómicos. Com o apoio das empresas do PACOPAR, a escola pôde ainda instalar e dinamizar uma biblioteca.

“Construindo o conhecimento - novos espaços de aprendizagem 1, 2 e 3”

O projeto da EB1 Terra do Monte consistiu na criação de condições para tornar o seu espaço de leitura mais confortável e aconchegante, através da aquisição de vários equipamentos.

“Os materiais adquiridos têm permitido aos alunos a capitalização dos seus interesses, a possibilidade de praticarem a leitura autónoma em condições favoráveis e cómodas, explorando as suas capacidades para pensar, comunicar, resolver problemas e tomar decisões de forma adequada e responsável. Foi um investimento no conhecimento crescente e com juro próprio que se refletirá ao longo das suas vidas.” Adosinda Vinagre, professora da EB1 Terra do Monte.

“Uma sala para aprender a brincar”

É uma ludoteca que está a ser criada no edifício sede do Agrupamento de Escolas de Estarreja, um espaço que será comum ao jardim de infância, 1.º ciclo do ensino básico e Unidade de Apoio à Multideficiência. A valência, que será instalada no novo edifício do agrupamento, será utilizada em atividades de aula e nos intervalos, quando as condições atmosféricas não permitam a saída para o exterior.

“É uma mais-valia no sentido de poder proporcionar às crianças um local de maior conforto e motivação para a aprendizagem em atividades livres e/ou acompanhadas pelo professor. Além disso, poderá também ser utilizado nos intervalos, em dias em que as condições atmosféricas não permitam a saída para o exterior.” Marilene Santos, professora da Escola Básica Padre Donaciano de Abreu Freire.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PARDILHÓ “Água em Pardilhó”

A aquisição de um conjunto de pequenos kits permitiu aos alunos do 7.º e 8.º anos, no âmbito do Clube das Ciências e nas aulas de Ciências Físicas e Químicas, elaborarem as suas primeiras pesquisas e análises ambientais.

“Os alunos começaram com estes kits a ganhar disciplina e método científico com pequenas experiências de análise de água.” Ana Paula Vilas Boas, professora do Agrupamento de Escolas de Pardilhó (AEP).



A “sonhar ... contar ... ouvir ... interagir”, “a interação é constante”

Ao longo de dois anos letivos, o Jardim de Infância de Pardilhó concretizou estes dois projetos. Adquiriu três quadros interativos, para três salas de jardim de infância, que beneficiam cerca de 60 crianças entre os três e cinco anos.

“Sentimos que este material permite uma complementaridade às atividades desenvolvidas, proporcionando às crianças e intervenientes da educação novas formas tecnológicas, contribuindo para a sustentabilidade, reduzindo a utilização de recursos naturais, como por exemplo o papel.” Graça Abreu, professora do AEP.

“Quadro branco, quadro mágico”

A aquisição de um quadro interativo permitiu desenvolver atividades mais apelativas para alunos com dificuldades de aprendizagem e necessidades educativas especiais.

“O quadro está a funcionar numa turma de 1.º ano (20 alunos) desde o início do 2.º período de 2012/2013, a qual inclui um aluno com deficiência grave, estando a cumprir-se um dos principais objetivos do projeto.” Rosa Tavares, professora do AEP

“Multimédia na sala de aula”

Com as possibilidades de ensino criadas com os três televisores LCD e três leitores de DVD adquiridos, os alunos de línguas dos 2.º e 3.º ciclos podem mais facilmente desenvolver as suas competências de compreensão e produção oral. Os equipamentos são ainda usados noutras disciplinas, para visualização de documentários ou filmes.



ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESTARREJA 3 SSS

O Grupo de Educação para a Saúde da Escola Secundária de Estarreja (ESE), no âmbito do seu programa “Reduzindo riscos, promovendo uma vida saudável”, definiu o projeto “3 SSS” – Segurança, Saúde e Sustentabilidade. Neste âmbito, foram realizadas, ao longo de três anos letivos, ações de formação e palestras para a comunidade educativa, rastreios, atividades desportivas, apoio a projetos desenvolvidos pelos alunos, desdobráveis, dinamização de um blogue, entre outras atividades. A aquisição de equipamentos e materiais com a ajuda do PACOPAR permitiu uma melhor dinamização de algumas iniciativas. O trabalho no âmbito da educação para a saúde insere-se em orientações do Ministério da Educação. Os equipamentos continuam disponíveis na escola, para uso educativo.

“A concretização dos projetos nunca esteve dependente da participação financeira do PACOPAR mas a verba atribuída permitiu aumentar a eficácia dos projetos de três anos letivos (2009-2010 a 2012-2013).” Manuela Azevedo, professora da ESE.



AÇÃO SOCIAL

Os pedidos de apoio na área social têm aumentado progressivamente nos últimos anos. As respostas dadas têm permitido reabilitar habitações sociais, melhorar as infraestruturas de lares, centros de dia e as condições de prestação de serviços das instituições.

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE SALREU

Melhoria de condições de acesso a deficientes motores

Na sequência de uma visita da Segurança Social, a Associação Humanitária de Salreu (AHS) teve necessidade de melhorar as condições de acesso na entrada da instituição a deficientes motores e de prestação de socorro para equipas de emergência. As adaptações necessárias foram feitas com o apoio das empresas do Painel.

Equipamento de sala de formação

A melhoria do equipamento da sala de formação da instituição era necessária devido à contínua necessidade de formação dos seus colaboradores. Atualmente, a sala está a ser usada para a formação de longa duração do Programa Operacional de Potencial Humano para os colaboradores do lar de idosos e semanalmente serve de apoio à GNR e Centro de Saúde de Estarreja, para formações dadas à generalidade da população.

“Foi uma mais valia para a instituição, que não só teve a oportunidade de dar seguimento a uma lei do trabalho, com a formação aos seus colaboradores, como também de ajudar outras instituições do concelho, mantendo uma postura sempre aberta e dinâmica, que a leva ao seu crescimento no concelho de Estarreja.” Guilherme de Pinho Ferreira, presidente da direção da AHS.

ASE – Associação de Solidariedade Estarrejense

A criação do parque infantil da Teixugueira foi o primeiro apoio do Painel à ASE, seguindo-se a contribuição para a construção de uma moradia em Santiaia, para alugar a uma família carenciada. Nos últimos anos, os donativos das empresas do PACOPAR ajudaram ainda a concretizar projetos de reabilitação das habitações sociais da Urbanização da Teixugueira, de três casas de famílias sem condições condignas de habitação e a compra de uma carrinha para recolha e distribuição de alimentos.

“Há medida que o tempo passa, tem aumentado o número de famílias que vem pedir ajuda. Temos pessoas a quem damos alimentos que não nos passava pela cabeça que tivessem de pedir ajuda.” Alberto Vidal, presidente da direção da ASE.

CERCIESTA

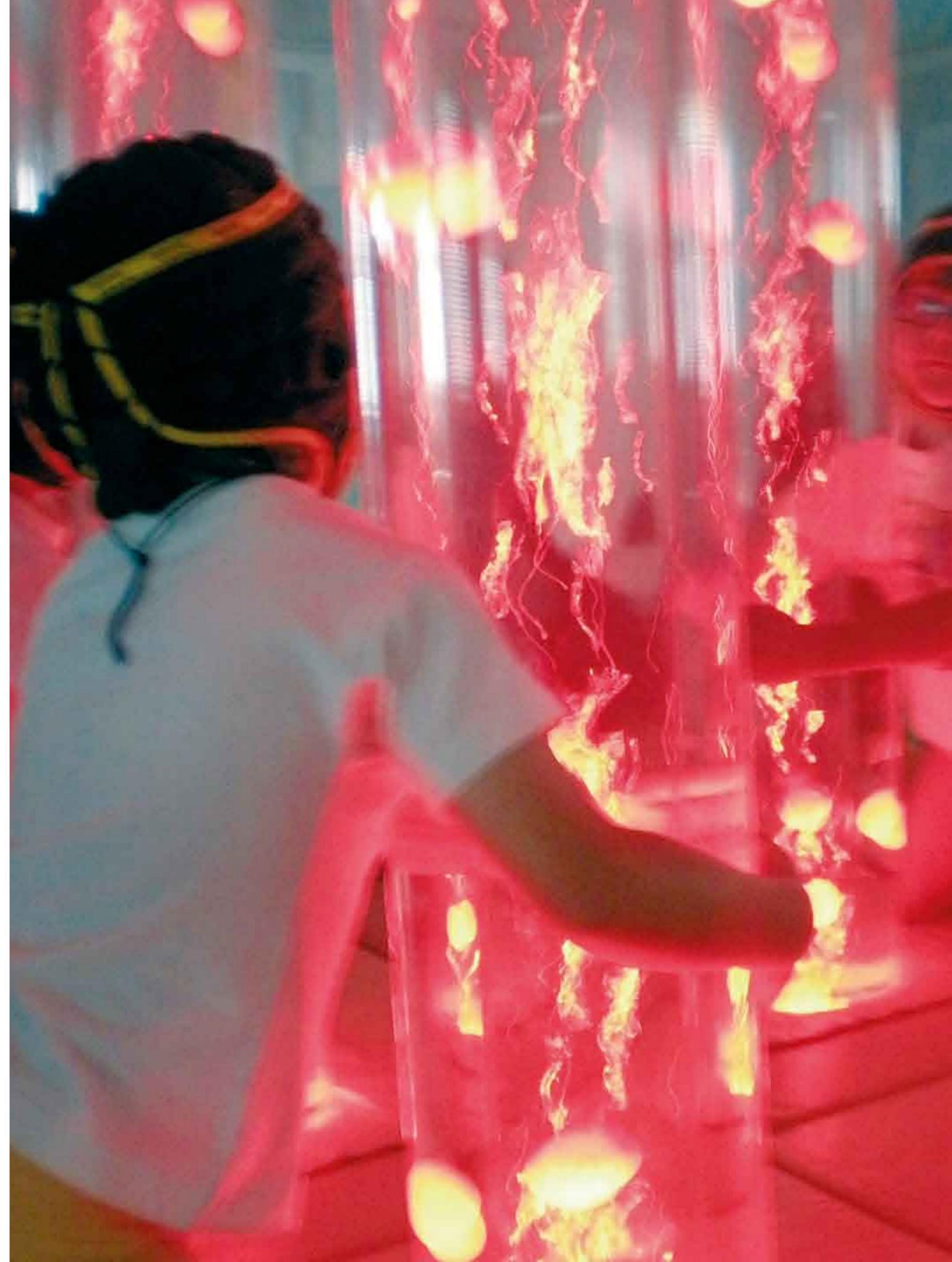
Pavilhão ADIGESTA

O pavilhão tem instalados equipamentos multisensoriais, que possibilitaram a criação de melhores condições de conforto para jovens e adultos portadores de multideficiência.

Sala Snoezelen

Com a instalação de vários equipamentos, a sala Snoezelen oferece uma diversidade de estímulos sensoriais, de luz, música, notas, sons e estimulação tátil.

“Possibilitou a melhoria de qualidade de vida de pessoas portadoras de multideficiência, alunos/utentes da Cerciستا, alunos da Unidade de Apoio à Multideficiência do Agrupamento de Escolas de Estarreja e utentes do lar da Fundação Cónego Filipe de Figueiredo.” Maria de Lurdes Breu, presidente da Cerciستا.



Santa Casa da Misericórdia de Estarreja

Os apoios concedidos à Santa Casa da Misericórdia (SCM) de Estarreja permitiram adquirir equipamento para o recreio do Centro Social da Teixugueira, uma intervenção já anteriormente alvo de campanhas de angariação de fundos, não se conseguindo chegar ao valor necessário; requalificar a lavandaria, que estava em estado obsoleto e sem condições de trabalho; requalificar o lar de idosos, concretamente a substituição de caixilharia das janelas, o que tinha impacto na falta de conforto e segurança de utentes e colaboradores.

“O apoio solidário do PACOPAR sempre tem expressado o suprimento de uma necessidade desta ou daquela valência /projeto” e tem permitido à Santa Casa o cumprimento da sua missão nos domínios da assistência e proteção dos mais carenciados e fragilizados na nossa sociedade.” Rosa de Fátima Figueiredo, Provedora da SMC de Estarreja.

Oficina de Serigrafia

Possibilitou o alargamento das atividades ocupacionais dos utentes da Cerciesta à serigrafia. Já foram executados diversos trabalhos para particulares e associações locais.

Grupo Musical da Cerciesta

A aquisição de instrumentos musicais permitiu o alargamento das atividades da Cerciesta à expressão musical.

“Atualmente, integram o grupo musical da Cerciesta 20 jovens.” Maria de Lurdes Breu, presidente da Cerciesta.



PROTEÇÃO CIVIL

Nesta área, os apoios têm-se canalizado para a instituição concelhia que é um dos elementos chave no funcionamento do sistema de proteção civil municipal e que regularmente colabora em ações de treino e formação com as empresas do Complexo Químico de Estarreja. Com o apoio aos Bombeiros, o PACOPAR contribui para o alcance de um dos seus objetivos primordiais: zelar pela manutenção da segurança e saúde da comunidade e pela preservação do meio ambiente.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESTARREJA

Gabinete de Atendimento

Permanente da Proteção Civil

Ainda antes de ter lançado o programa de donativos, sob o seu compromisso em contribuir para o reforço da proteção civil concelhia, o PACOPAR financiou a criação de um gabinete permanente de proteção civil, com sede nos Bombeiros Voluntários de Estarreja, a funcionar durante 24 horas por dia. As despesas com recursos humanos continuam a ser suportadas pelas empresas químicas.

Auto Chefe Ligeiro

Transformação e reconversão de uma carrinha, para criação de uma viatura de comando, um “Auto Chefe Ligeiro”, para servir de apoio no teatro de operações à coordenação de meios, em que seja necessário, numa primeira intervenção, um elemento do Comando ou Chefia.

Máscaras de Acoplagem

Aquisição de máscaras de acoplagem ao capacete e de seis garrafas para aparelho respiratório. As máscaras adquiridas facilitam a respiração.



DESPORTO

Com pedidos menos frequentes no âmbito do recreio e desporto, o PACOPAR tem atendido particularmente aos projetos que contemplam preocupações ambientais e de racionalização de recursos.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL

E RECREATIVA SAAVEDRA GUEDES

Instalação de painéis de aquecimento solar

Com este investimento, a fatura de consumo de energia da coletividade foi reduzida, com a inerente diminuição do impacto ambiental resultante da intensa atividade desportiva da associação.

Projeto de substituição de bombas de água

A substituição de equipamentos antigos por outros mais modernos permitiu tornar eficaz a alimentação dos sistemas de água do pavilhão gimnodesportivo.

Projeto de iluminação LED

Com a substituição de toda a iluminação do pavilhão gimnodesportivo por um sistema de iluminação LED, a Saavedra reduz a fatura de eletricidade para cerca de 1/3.

“O valor destes projetos é de relevante importância para a nossa Associação e uma motivação para continuarmos a promover o associativismo e proporcionar melhores condições a todos os que diariamente usufruem das nossas instalações.” José Carlos Amador, vice-presidente da direção da Saavedra Guedes.



ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESTARREJA E EMPRESAS QUÍMICAS DE ACORDO

MAIS DIÁLOGO PARA MELHOR ADEQUAÇÃO DE CURSOS PROFISSIONAIS

Escola e empresas devem dialogar mais com vista a melhorar a adequação da formação profissional com as necessidades empresariais. A opinião é consensual no PACOPAR, com as empresas químicas e a Escola Secundária de Estarreja (ESE) a mostrarem-se disponíveis para incrementar o diálogo entre si e com o ministério da tutela. Se a adaptação de planos curriculares seria, por certo, um dos elementos dessa melhoria, já o reforço da componente prática da formação, à semelhança de um sistema dual, exige uma maior ponderação dos intervenientes.

Embora considerando que cada vez mais as escolas profissionais se aproximam das necessidades

das empresas, Sónia Mouta, diretora de Recursos Humanos da Air Liquide em Portugal, afirma que “sem dúvida deverá haver um diálogo permanente entre as instituições escolares e as empresas, para fazer face às mudanças que vão ocorrendo no meio empresarial, com introdução de novas tecnologias e investigações.” Jorge Ventura, diretor da ESE, não podia estar mais de acordo: “É fundamental ouvir as empresas para a elaboração dos planos curriculares. As escolas hoje, por muito que domine tecnicamente as áreas ligadas à mecânica, metalurgia, eletrónica, não tem capacidade para acompanhar os desenvolvimentos que a tecnologia nos oferece e as empresas estão sempre num patamar de desenvolvimento que supera o da escola.”

Sob o pressuposto de que “a formação académica especializada assume elevada relevância como ponto de partida base para dotar os novos colaboradores das competências necessárias à condução dos processos muito específicos da atividade de cada empresa”, António Oliveira, diretor de Recursos Humanos da CIRES, também acentua a importância do diálogo escola/empresa.

A adequação dos cursos de formação profissional às necessidades das empresas é um assunto recorrente do Ministério da Educação e Ciência (MEC). No PACOPAR também não é a primeira vez que se aflora o tema, tendo o Painel sido parceiro na criação, em 2007, de um Curso de Especialização Tecnológica (ver caixa), que tinha como objetivo compatibilizar a formação profissional com as necessidades empresariais da região. Mas Teresa Silva, diretora de Recursos Humanos da Dow Portugal, lembra que, apesar da troca de experiências realizada no passado e da consensualidade gerada, “os cursos continuam a ser desenvolvidos pelo MEC”.

Embora as escolas tenham alguma flexibilidade para fazer alterações, é de facto o MEC que estabelece a estrutura base dos planos curriculares dos cursos. Por isso, o diretor da ESE sugere um diálogo ao nível ministerial. O PACOPAR “pode até,

com a ESE, tentar vislumbrar uma oportunidade para fazer uma proposta bem estudada e apresentá-la a alguém de direito.” E concretamente como? “Podem formar um grupo de discussão e reflexão” que pudesse fazer chegar propostas ao MEC, “aos políticos de quem nos queixamos que tomam más decisões”, exemplifica Jorge Ventura.

A sugestão do diretor da ESE vai ao encontro da iniciativa da AIPQR (Associação das Indústrias da Petroquímica, Química e Refinação). Segundo António Oliveira, as empresas químicas do PACOPAR estão a colaborar num estudo promovido por aquela Associação, tendo em vista a reformulação dos planos curriculares (ver caixa). “É nossa convicção de que este estudo tem todos os ingredientes necessários para poder ser um importante contributo na reflexão desta temática, que poderá ser usado no diálogo com as escolas e até com o MEC.”

Como adaptar os planos curriculares?

O assunto envolve a ponderação de vários fatores e áreas profissionais, sendo que o elevado grau de especialização e *know how* das empresas químicas pode não justificar a criação de cursos em exclusivo para o setor. Ao invés, pode fortalecer-se uma componente científica de base e transversal. “Por exemplo, para operadores de indústria química, precisamos de uma base sólida a nível de

matemática, física e química. Depois, a formação mais específica é feita nas empresas, porque elas têm uma especificidade tão própria” que, explica António Duarte, responsável de Recursos Humanos da CUF-QI em Estarreja, não há vantagem em criar cursos especificamente direcionados para a operação química. A Dow aponta no mesmo sentido. “Mesmo que exista um curso técnico, um operador, desde que entra aqui, demora cinco a oito anos a ficar apto”, diz Teresa Silva. Além de que, por serem “empresas de capital intensivo”, refere António Duarte, “num ano éramos capaz de recrutar meia dúzia de alunos e nos anos seguintes ninguém”.

A CUF-QI e a Dow sugerem ainda o incremento de conteúdos transversais nos cursos. “Por exemplo, tudo o que esteja ligado a qualidade, segurança, ambiente, informática, que são competências transversais”, diz António Duarte. Considerando que, de forma geral, os cursos estão muito vocacionados para as competências técnicas, Teresa Silva vê a necessidade de reforço das sociais. “Como fazer comunicações, expressar uma ideia, gerir conflitos, essa formação é necessária a todos os níveis, em todas as áreas. Vejo que os jovens saem dos cursos com falta de habilidades de comunicação e interação”, constata.

A aproximação escola/empresa, refere Sónia Mou-

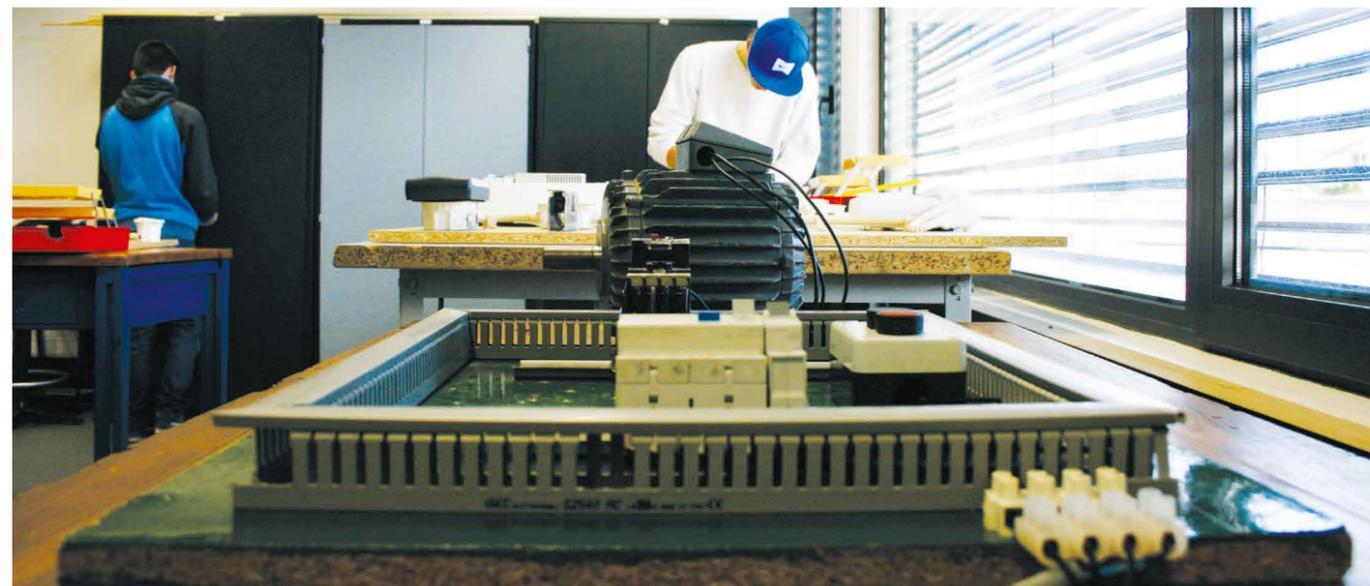
ta, “deve ocorrer não só em termos de conteúdos programáticos, como também relativamente aos períodos de estágio, que também deverão ser adaptados às necessidades do tecido empresarial.” Aqui, a dificuldade está em chegar a um denominador comum no que toca a essas necessidades e à definição de responsabilidades institucionais.

Sistema dual, sim ou não? “Nim”

Ante a possibilidade de fazer algumas adaptações a Portugal, o Ministro da Educação e Ciência visitou, no ano passado, a Alemanha para conhecer melhor o seu sistema dual de formação profissionalizante (ver caixa). Sónia Mouta vê vantagens no sistema, cujo benefício para as empresas “seria alcançado a médio e longo prazo, aquando da integração definitiva destas pessoas no mercado laboral, com um maior conhecimento prático.” Para António Duarte, o sistema dual teria sentido em algum tipo de funções de suporte, como eletricitas ou serralheiros mecânicos (pelas razões já explicadas, o mesmo não se aplica ao caso dos operadores químicos). Apesar de considerar que, de forma geral, os formandos nas áreas de eletricidade, mecânica e automação “saem bem preparados”, Teresa Silva explica que a Dow, por ter “uma componente tecnológica muito inerente à tecnologia de poliuretano”, tem de dar formação especializada a quem chega. A responsável vê

SISTEMA DUAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE

Este sistema, usual na Alemanha, consiste na dualidade entre a formação teórica e prática em contexto de trabalho, tendo como objetivo conjugar conhecimentos teóricos com competências adquiridas a trabalhar. Este sistema difere da formação profissional escolar praticada em Portugal, em que das cerca de 3100 horas de formação, apenas 210 são afetas ao estágio, em contexto real de trabalho. No sistema dual, o curso pode durar de dois a três anos e meio, sendo que a oferta de vagas das empresas é complementada por cursos fora da empresa e oportunidades de qualificação adicionais. A formação é financiada pelas empresas, que pagam uma remuneração aos aprendizes, e pelo Estado, responsável pelos custos da escola profissionalizante. Mais de 80% das vagas são oferecidas por médias e pequenas empresas.



ESTUDO DA AIPQR

As empresas químicas do PACOPAR, Air Liquide, CIRES, CUF-QI e Dow, estão a colaborar com outras empresas nacionais do setor, no estudo de âmbito nacional “Qualificação de Recursos Humanos Técnicos – Indústrias de Refinação, Petroquímica e Química Industrial em Portugal”, promovido pela AIPQR e da responsabilidade da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. O estudo envolve ainda as universidades de Aveiro, Coimbra, Nova de Lisboa e Instituto Superior Técnico. O objetivo é, de acordo com Sónia Mouta, da Air Liquide, “adequar a formação ministrada no ensino às necessidades do tecido empresarial, assegurando o envolvimento e colaboração entre meios empresariais e educacionais”, permitindo assim superar melhor as necessidades atuais e futuras de técnicos e operadores especializados nas empresas.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA

Em 2007, através da criação da Parceria de Formação Especializada do Concelho de Estarreja (formada pela Câmara Municipal de Estarreja, Universidade de Aveiro, PACOPAR – empresas químicas, SEMA – Associação Empresarial, Escola Secundária de Estarreja e Nestlé) foi lançado o Curso de Especialização Tecnológica (CET) em Instalações Elétricas e Automação Industrial. O curso foi lançado com o objetivo de reforçar a oferta formativa profissionalizante, que proporciona ao tecido empresarial de Estarreja, acesso a mão de obra especializada. O CET é ainda credível para efeitos de prosseguimento de estudos no ensino superior.



vantagens num sistema dual que daria, por exemplo, a possibilidade de “presenciar uma paragem, de perceber o que é uma emergência. O aluno fica, pelo menos, com mais noção da realidade do mundo laboral.”

O diretor da ESE pondera, realçando a atual asunção do papel da escola, onde o aluno se deve manter até aos 18 anos, para adquirir não apenas uma competência técnica, “mas também uma base científica, ética, um desenvolvimento intelectual e físico harmonioso”. Mesmo num curso profissional, o aluno deve desenvolver-se em todas as suas dimensões, o que leva Jorge Ventura a considerar as atuais 210 horas de formação prática “suficientes.” Mais do que uma quantificação, o professor considera que a melhoria do sistema pressuporia

uma aposta na qualidade do desempenho de ambos os atores: escola e empresa.

Jorge Ventura alerta para o facto de “o sistema empresarial poder não estar ainda preparado para garantir uma maturação do ensino profissional em Portugal”, faltando, nomeadamente, uma definição estatal do papel da empresa na formação profissional. O diretor da ESE sugere, por exemplo, que “o MEC concertasse ou realizasse protocolos com as empresas que reunissem capacidade e pudessem assumir-se como escola, ter um núcleo, um departamento educativo. Se uma empresa recebe 20 estagiários ao longo do ano é claramente uma organização educativa que depois podia ser gerida de modo razoável com o governo, a nível de vantagens fiscais ou outras soluções.” Para Jor-



ge Ventura, falta definir esse papel institucional das empresas, que “garanta uma maior e melhor apropriação da vantagem através da formação.”

Sónia Mouta também aflora a questão. Colocando a Air Liquide recetiva a estagiários em sistema dual, considera que “seria necessário que as partes definam os termos concretos de colaboração, assegurando os propósitos de ambas as entidades e assim contribuir para uma evolução socioeconómica sustentada.” Enquanto não chega essa definição institucional do seu papel educativo, as empresas químicas do PACOPAR recebem frequentemente estagiários em cursos profissionais e do ensino superior, mostrando-se disponíveis para o continuar a fazer e aprofundar a discussão sobre o sistema dual.

EMPREENDEDORISMO COM ORIGEM EM ESTARREJA

DETERMINAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO E DEDICAÇÃO: ARMAS DE EMPREENDEDOR

O empreendedorismo tem sido incentivado pelo Estado português, quer através de apoio financeiro quer administrativo, como meio de criar o próprio emprego e reduzir a crescente lista de desemprego que se tem verificado nos últimos meses no país. Ao falarmos com empreendedores, o apoio estatal parece ser uma mera alavanca que se junta ao que se afigura de mais importante: a determinação pessoal, a especialização e a dedicação, materializada no trabalho. São características comuns que encontramos nas experiências muito diversas de empreendedores de Estarreja. Um profundo conhecimento adquirido na área em que empreendem, uma visão crítica do mundo que os rodeia e uma estratégia de longo prazo mantêm-nos seguros perante as adversidades.



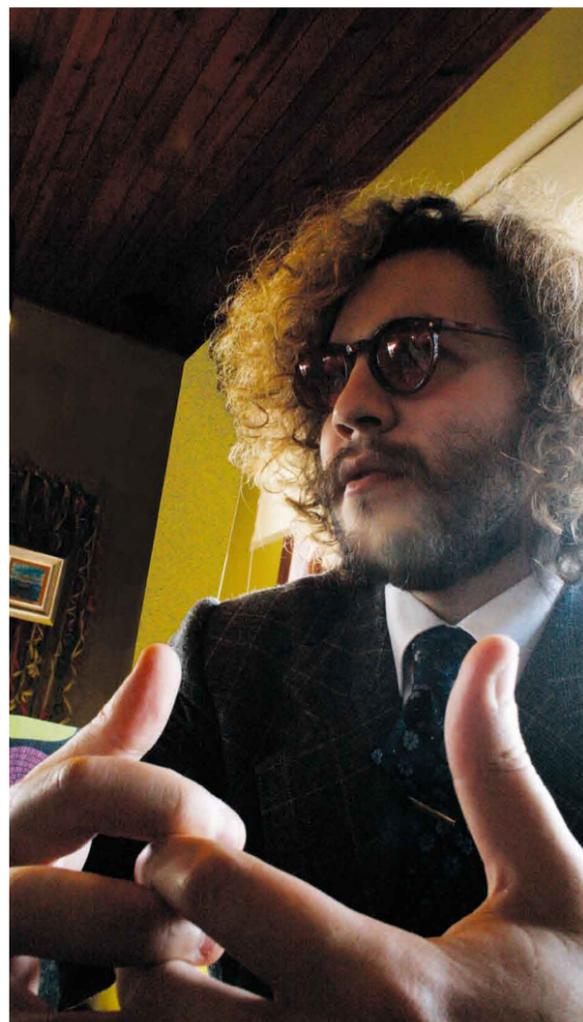
**JOÃO PAULO RODRIGUES:**

“UM NOVO ADVENTO TEÓRICO
E PRÁTICO NA MODA PORTUGUESA”

Se um dia se verificar “um novo advento teórico e prático na moda portuguesa”, o promotor desse feito deverá ser o estorrejense João Paulo Rodrigues, natural de Avanca. Aos 28 anos, ele é um dos mais jovens alfaiates portugueses, que, conjuntamente com o colega e amigo Ayres Gonçalo, tem um ateliê de alfaiataria no Porto. A par disto, tem planeado um investimento com uma empresa para lançar uma marca de camisas por medida. A realização de doutoramento no estrangeiro poderá fornecer-lhe as bases para lançar uma escola de moda portuguesa.

Ao entrar no curso de engenharia civil, em Coimbra, ainda tentou acreditar que o seu futuro seria a “talhar” edifícios, mas uma total insatisfação assolou-lhe o espírito. Foi a descoberta do gosto pela imagem, reminiscências de infância ou não - costumava ir para baixo da banca da avó, modista de alta costura, fazer desenhos com os gizes-, que lhe destinou um futuro a “talhar” fatos. Voltou a fazer os exames de admissão ao ensino superior e foi estudar *design* de moda em Lisboa. Simultaneamente, na Faculdade de Belas Artes, fez dois cursos de ilustração e desenho. “A partir do 4º ano do curso”, à medida que vai “percebendo com alguma certeza que” consegue “criar a partir do desenho”, começa a afastar-se da moda feminina e, apesar da lacuna do ensino de moda masculina em Portugal, fez o projeto de final de curso sobre roupa de homem.

Foi aí que se apercebeu da sua “lacuna técnica”. Findo o primeiro percurso académico, inicia a aprendizagem do “trabalho manual” com o seu “Mestre”. “Começas a vir todas as tardes, eu ensino-te a dar cortes e tu comesas aqui a acreditar”, disse-lhe o alfaiate Fernando Gonçalves. “Durante três anos e alguns meses estive com ele todos os dias. Ainda tive a sorte de cuidar dele no final da sua vida”, recorda o alfaiate. Uma relação pessoal muito forte. Ao aperceber-se da irreversibilidade da sua doença, o Mestre Fernando Gonçalves ansiava por passar de mão a sua arte: “Esse último ano foi intenso, praticamente não trabalhou e só fez coisas para eu aprender mais rápido”. Hoje, J. Paulo Rodrigues é alfaiate com o banco, as régua e a máquina de costura do seu mestre. “Deu-me tudo o que tinha, para além do amor, o ensinamento”, reconhece.



Enquanto aprendiz do mestre Fernando Gonçalves conheceu, através do avó também alfaiate, Ayres Gonçalo, com quem constrói uma amizade e abre um ateliê no Porto. “Abrimos com o objetivo de começar a fazer alfaiataria com uma perspetiva diferente. Com as mesmas técnicas clássicas, mas com atitude diferente, mais ‘marketizada’, nunca nos desviando do processo de origem, do tradicional”.

“Hoje o avó do Ayres diz-me: aprende-se até morrer. Todos os dias, com trabalho. E quem achar que o que faz é fácil, é uma pessoa que estagnou, que morreu profissional e artisticamente.”

J. Paulo Rodrigues



Paralelamente, J. Paulo Rodrigues tem um projeto, em parceria com uma empresa, de produção de peças por medida, com perspetiva de exportação, e está a fazer um mestrado em Antropologia Médica, que lhe permite estudar o corpo, a saúde e doença, aliando a perspetiva biológica a uma abordagem cultural, social, política e ecológica da moda. O objetivo final é fazer um doutoramento, “talvez na Bélgica”, em criação. “Com isto, espero um dia conseguir formar uma escola cá em Portugal, com uma teoria própria, que pretende formar um novo advento teórico e prático na moda portuguesa”, revela, crítico relativamente ao ensino da moda em Portugal: “os cursos são orientados quase exclusi-

vamente para a produção industrial, para as pessoas preencherem fichas técnicas numa empresa que faz quase exclusivamente cópias. Esse mercado de massas tem de existir, mas Portugal podia ter um conceito teórico de produção nacional diferente.”

Para o jovem alfaiate é necessário haver um estudo académico que busque fundamentadamente uma identidade para a moda portuguesa, uma escola completa de artistas que estude a cultura portuguesa, a antropologia, a sociedade, para criar essa identidade. “Daí a necessidade de eu fazer uma carreira académica forte que me possa sustentar um futuro de ensino com uma aprendizagem internacional”, confessa, considerando que em Portugal, na área da moda, não há professores com formação suficiente para ensinar a partir do grau de licenciatura.

QUEM VESTE UM FATO DE ALFAIATE?

O preço começa nos 2300 euros. Os clientes podem dividir-se em dois grupos, um de pessoas mais velhas “que vem de um tempo em que só existia fatos de alfaiate e nunca deixaram de os vestir”; outro de pessoas mais novas, que já foram atingidas pela marketização, “sentem-se atraídas pelos fatos dos avós e racionalizam os gastos”, privilegiando a qualidade e distinção em detrimento da quantidade.

E CLIENTES CONHECIDOS?

Não podem ser revelados.

“Estamos numa era do individualismo, do vazio, em que todas as pessoas querem crer que são únicas. A nossa arte também vive disso. Um grupo quase narcísico. Mas as pessoas devem lembrar-se que são apenas um em 7 biliões. Posso fazer a diferença? Posso. Não fazendo as coisas apenas por dinheiro, mas com amor, com algum sentimento e empenho.” J. Paulo Rodrigues

**MARCO E DIOGO:**

“BEWARKET - TURN DE W AND BE THE MARKET”
A ideia surgiu e foi desenvolvida numa tese de mestrado sobre comércio eletrónico e a *web*. “E depois da tese pensei: tenho de tentar. É preferível tentar e falhar do que mais tarde ver o projeto iniciado por outra pessoa”, diz Marco Barbosa, um

“O Marco convidou-me para o projeto e eu aceditei. É preciso ter pessoas que acreditem. E o Marco acreditou. Têm de estar atentos a estas oportunidades, porque se não arriscarem, não vão a lado nenhum. Arrisquem! Saiam da vossa zona de conforto!” Diogo Azevedo

dos promotores da Bewarket, uma empresa/aplicação que podemos chamar de “comércio social”. A aplicação móvel aproveita as funcionalidades do Facebook para a venda de artigos. Para Marco Barbosa e Diogo Azevedo, outro dos quatro sócios da empresa, o cenário ideal para daqui a 10 anos seria estar em bolsa ou vender a Bewarket.

São primos e os dois de Salreu. Após o percurso escolar em Estarreja, estudaram informática na Universidade de Trás-os-Montes. Com 25 anos, Diogo Azevedo fez o mestrado na Holanda e está atualmente a fazer o doutoramento em aplicações móveis. Marco Barbosa ficou-se pelo mestrado e faz agora a sua “formação diária”, ao dedicar-se a 100% à Bewarket, que nasceu há cerca de um ano

e está incubada no Instituto Empresarial do Minho. Após o mestrado, Marco Barbosa transmitiu a ideia ao primo, Diogo Azevedo, que “acreditou” e embarcaram na aventura do empreendedorismo. Atualmente são 4 sócios.

“O que se pretende é juntar o melhor de dois mundos. O do comércio eletrónico e das redes sociais”, explica Marco Barbosa, esclarecendo que atualmente a Bewarket está focada na venda de bens em segunda mão, mas no futuro poderá agregar grandes cadeias de lojas conhecidas, com uma série de novas potencialidades para o utilizador. “Por exemplo, será possível comparar o preço de um produto entre todos os vendedores registados”, explica Marco, referindo apenas uma das potencialidades que a rede social acarreta para o comércio eletrónico.

A Bewarket já tem cerca de 18 mil utilizadores, dos quais 90% são portugueses, com 1,6% de crescimento ao dia. “O nosso foco agora não é a faturação, mas a angariação de utilizadores, para chegar a grandes mercados”, admite Marco Barbosa, dando o exemplo do Facebook, que apenas quando atingiu os 10 milhões de utilizadores começou a angariar publicidade.

“Neste momento precisamos de apostar no *marketing*. Se tivéssemos um orçamento de um milhão para *marketing*, talvez crescêssemos 100% ao dia”, especula Diogo Azevedo. A Bewarket está em negociações com investidores portugueses. Marco Barbosa escusa-se a adiantar pormenores, referindo que sempre houve investidores interessados. “Não somos só nós, empreendedores, que

temos de dar o passo, também as grandes empresas investidoras”, colmata Diogo Azevedo.

Recentemente, os dois jovens estiveram em Silicon Valley, tendo investidores americanos demonstrado interesse no projeto, mas apenas investem ante a condição de criar lá uma empresa. O objetivo da Bewarket é conseguir primeiro investimento português para sedimentar a empresa no país e constituir uma segunda empresa nos EUA, que deteria a 100% a portuguesa. “Como *start up*, é difícil crescer quando não temos dinheiro”, constata Marco Barbosa, com uma esperança: “que daqui a cinco anos consigamos ganhar num mês o que não sonharíamos ganhar numa vida.”



“O empreendedor tem de ser sedutor. Mas além de sedutor, tem de saber socializar, adaptar-se ao meio. Nunca sabemos de quem vamos precisar.”
Diogo Azevedo



DEOLINDA E MARIA DO CÉU: A MAIS VALIA DA ESPECIALIZAÇÃO

“A Insidepipe não apareceu apenas porque nos lembramos de ter uma empresa nesta área. Vínhamos de um fabricante, conhecíamos o mercado, os intervenientes, os produtos. Com esta experiência, adquirimos uma base de contacto e *know how* preciosos e quando surgiu a oportunidade, fomos buscar os nossos conhecimentos e pensámos começar noutra vertente.” Maria do Céu Maltez, *commercial manager* e uma das criadoras da Insidepipe, resume assim a génese da empresa de soluções para a manutenção de condutas de água e saneamento. A Insidepipe está sediada na Incubadora de Empresas de Estarreja.

O percurso de Maria do Céu e da parceira empreendedora Deolinda Jacinto, *technical manager* da empresa, desvia-se da história comum de criação do próprio negócio para fazer frente ao desemprego. As duas já tinham trabalhado durante oito anos enquanto responsáveis comercial e técnica, respetivamente, no lançamento de soluções de tubagens no mercado, nomeadamente para saneamento de obra pública. Após o interregno de alguns anos, em que se separaram nos percursos profissionais, juntaram a determinação para apostar num mercado que conheciam como as palmas das mãos. “Foi empregar 15 anos de trabalho em indústria e todo o conhecimento daí conquistado”, diz Maria do Céu.

A Insidepipe assume-se como uma empresa de soluções para a manutenção e preservação dos recursos hídricos, fazendo intervenção direta em condutas de saneamento, abastecimento de água, redes pluviais, indústria e edifícios, destinada ao mercado do setor privado e público. “Fazemos o diagnóstico, através de inspeção vídeo CCTV e de ensaios. Temos um robô, com câmara de filmar, que introduzimos através das caixas de visita. Filmamos as tubagens e detetamos todos os danos que existem na conduta e depois fazemos propostas de soluções de reparação sem abertura de vala”, explica Maria do Céu.

A determinação e persistência das duas profissionais foi o mais importante para constituir a empresa. Muito mais importante do que os apoios estatais ao empreendedorismo, que Deolinda Jacinto considera serem “muito demorados”. “Falando realisticamente, se não fossem os avales em branco, não havia financiamento”, afirma Maria do Céu. O mais importante é não desistir, “porque todos os meses existem entraves novos”, torna Deolinda.

E depois de formada a empresa? “Se uma pessoa dorme bem, deixa de dormir bem”, diz Maria do Céu, considerando que por melhor profissional que se seja, quando se começa uma empresa, “entra-se num mar desconhecido, onde todos os dias temos de nos superar em todas as nossas tarefas e tomadas de decisão.” Para Deolinda Jacinto, a qualidade de vida “também piora, assim como o ordenado”, numa fase inicial. “Passamos a não ter horas para nada, não ter fins de semana, noites”, diz Deolinda.

Mas tudo compensa. “Pela realização, por ver as coisas a desenvolverem. É ver um filho a crescer, as coisas começam a bater certo, começa a haver resultados, começam a perguntar por nós, a convidar-nos a nível profissional, começam a confiar no nosso trabalho”, diz Maria do Céu. Outra

“Tem de ser uma área que a pessoa conheça, que domine. Depois é acreditar e ter um *know how*, fundamentá-lo e ter bons contactos, pessoas que acreditem no nosso trabalho.” Maria do Céu Maltez

“É bom fazer um pé de meia. Tem de se ter estrutura financeira para aguentar os primeiros tempos. É preciso pensar muito bem se é o que se quer. Deixamos de ter vida própria, de dormir sossegadas. É preciso ter espírito de sacrifício. Aqui nunca deixamos o trabalho, nunca o esquecemos porque ele é nosso.” Deolinda Jacinto

vantagem é a motivação ao acordar. “Podemos não ganhar muito dinheiro ainda, mas acordamos cheias de vontade de ir trabalhar”, diz Maria do Céu.

Ao longo deste ano, a Insidepipe foi sedimentando a sua presença no mercado nacional, com o aumento de contratação de serviços, havendo já contactos com vista à operação da empresa no mercado exterior. Tendo já contratado um estagiário, está em vista de alargar novamente os seus recursos humanos.



PRODUTOS QUÍMICOS PRODUZIDOS: VENDAS E CONCLUSÕES

LUBÉLIA NOGUEIRA PENEDO
RESPONSÁVEL NACIONAL
DO PROGRAMA ATUAÇÃO RESPONSÁVEL®



Este ano, para além de uma opinião pessoal, a participação da APEQ nesta revista é uma página do nosso Relatório Anual de 2012, Atuação Responsável®.

Trata-se de partilhar com todos os leitores da Revista PACOPAR alguns aspetos interessantes da área económica da atividade das empresas que partilham este compromisso.

PRODUÇÃO TOTAL E VOLUME ANUAL DE VENDAS

Os indicadores para a Quantidade Total Produzida e para o Volume Anual de Vendas, das Empresas Químicas Atuação Responsável® em 2011, não revelam o impacto negativo da crise nacional e internacional verificado noutros setores industriais.

Ambos os indicadores comparativamente ao ano de 2010 evidenciam em 2011 aumentos de 5% e 11%, respetivamente.

Face aos valores de 2004, os indicadores em 2011 revelam que a produção global de produtos químicos cresceu 15% e o volume anual de vendas aumentou 20%.

PREÇO MÉDIO DE VENDA

Este indicador revela que no período de 2004 a 2011, o preço médio de venda de cada tonelada de produto aumentou 4%.

EXPORTAÇÕES DE “QUÍMICOS”

As exportações de “Químicos” em 2011 atingiram o valor de 5,280 mil milhões de euros, representando um crescimento face ao ano de 2010, de 21%.

EM 2011

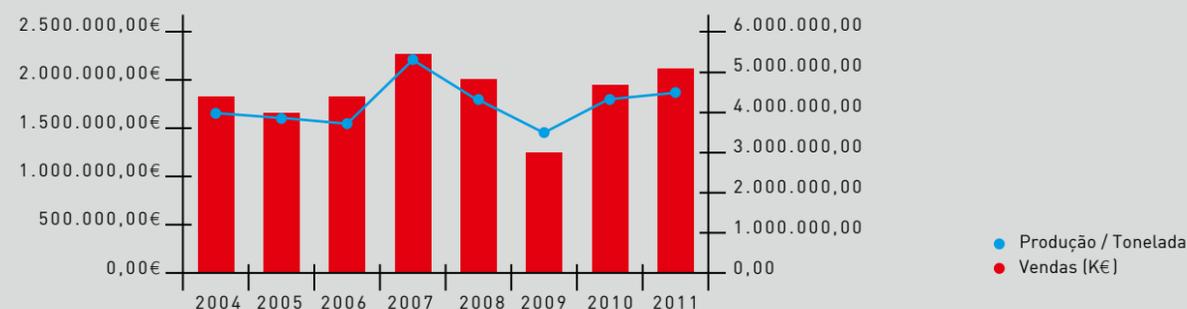
A remuneração mínima mensal paga pelas empresas Atuação Responsável® foi 163% da Remuneração Mensal Mínima Garantida.

JOSÉ BARARDO RIBEIRO
COORDENADOR NACIONAL
DO PROGRAMA ATUAÇÃO RESPONSÁVEL®



PRODUÇÕES E VENDAS ANUAIS 2004 A 2011

Aumento do volume anual de vendas, face a 2010, de 11%.
Aumento das quantidades produzidas, face a 2010, de 5%.



CONCLUSÕES

Podemos afirmar que o conjunto das Empresas Químicas Nacionais Atuação Responsável® revelou em 2011:

- Elevada capacidade reativa às adversidades conjunturais sentidas nos mercados interno e externo
- Uma contribuição positiva para a Economia Nacional
- Crescimento da produtividade e do EBITDA
- Remuneração mínima dos seus colaboradores bastante superior à RMMG

Estas conclusões permitem-nos manter aquela esperança de que há uns anos venho a falar aos nossos Leitores, sem a qual nada mais seremos capazes de construir!



DESEMPENHO DE SEGURANÇA DAS EMPRESAS DO CQE

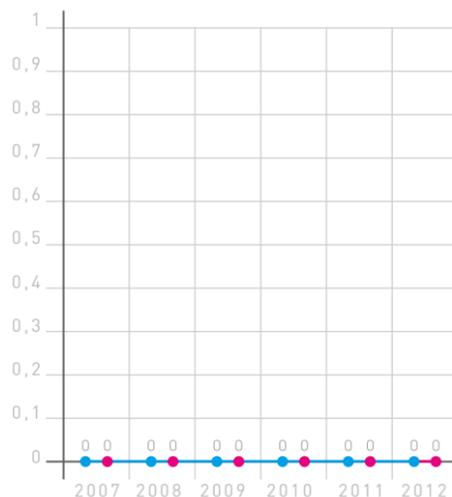
ÍNDICES DE ACIDENTES

Todas as empresas do Complexo Químico de Estarreja (CQE) registaram, em 2012, índices de gravidade e de frequência de acidentes nulos. Este indicador segue a tendência geral de anos anteriores, nos quais se tem verificado valores nulos ou muito baixos, expressando o resultado do contínuo incremento das normas de higiene e segurança nas empresas, através da aquisição de equipamento,

de formação e controlo dos processos de trabalho. O desempenho de segurança é avaliado de duas formas: o índice de frequência de acidentes que representa o número de acidentes com baixa ocorridos num ano, por cada milhão de horas por homem trabalhadas; e o índice de gravidade que representa o número de dias úteis perdidos por ano, por cada mil horas por homem trabalhadas.

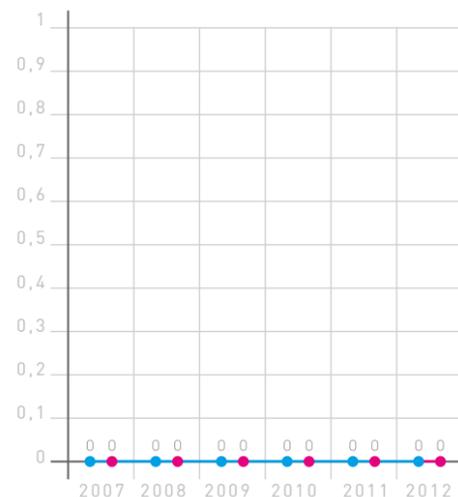
AIR LIQUIDE

Nos anos em análise não foram verificados quaisquer acidentes, pelo que os índices têm valor zero.



AQP

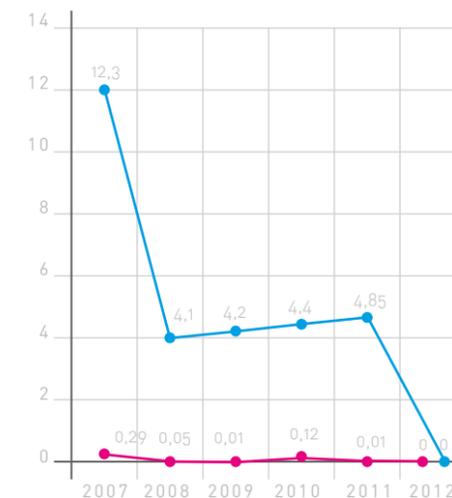
Ausência de acidentes em 2012.



● Índice de frequência de acidentes
● Índice de gravidade de acidentes

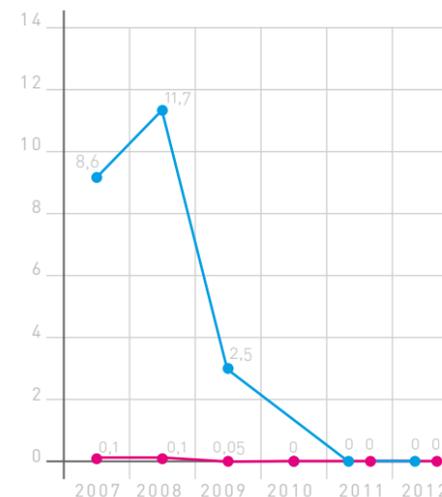
CIRES

Não se verificaram acidentes com baixa médica, em 2012.



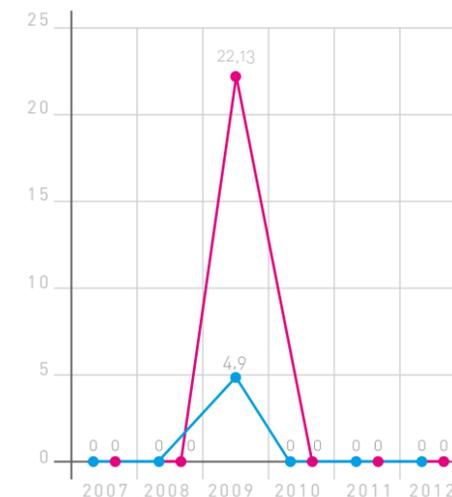
CUF

Em 2012, continuámos com zero acidentes com baixa na CUF QI.



DOW

No ano de 2012 não se registaram acidentes, tendo-se alcançado 1.200.000 horas sem acidentes com baixa na Dow Portugal.



DESEMPENHO AMBIENTAL DAS EMPRESAS DO CQE

Nos vários índices de desempenho ambiental das empresas do Complexo Químico de Estarreja (CQE) não registamos uma uniformidade, o que se deve, por um lado, à natureza diversa dos processos produtivos das indústrias, por outro a mudanças na forma de medições e na realização, ou não, de paragens anuais. De qualquer forma, podemos registar, na maioria das empresas, uma manutenção ou diminuição de consumos energéticos e de água ao longo de 2012. Na produção de resíduos sólidos e nas emissões de poluentes atmosféricos regista-se também na maioria uma redução.

Os indicadores seguintes são apurados através da relação da quantidade de emissões e consumos

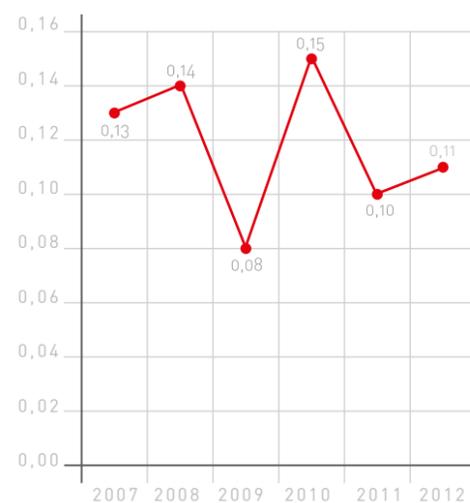
com a quantidade de produção. As emissões gasosas representam a proporção entre o total de emissões de partículas, óxidos de azoto, monóxido de carbono e COV's e o total de produção. O indicador de resíduos sólidos representa o rácio entre o total de resíduos gerados e o total de produção. Os consumos da água e energia são representados respetivamente pela relação entre a água (m3) e a energia (MJ) consumidas e a quantidade de produção (em toneladas).

Para conhecer a totalidade dos indicadores de desempenho ambiental das empresas do CQE, consulte o sítio eletrónico do PACOPAR em www.pacopar.org.

AIR LIQUIDE

EMISSÕES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA

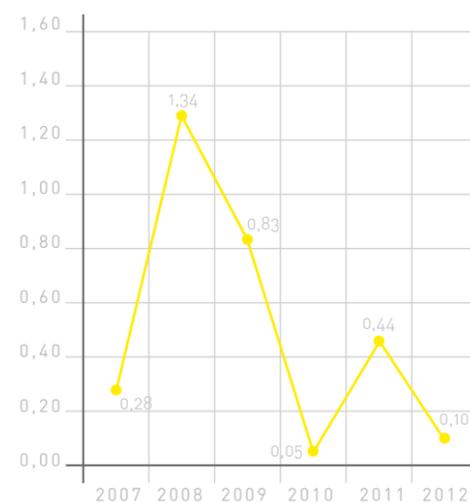
O ano de 2012 apresenta uma subida das emissões gasosas face ao ano anterior. Esta subida deve-se ao aumento do regime da instalação com o consequente aumento de produção.



● Kg de emissões / tonelada de produção

RESÍDUOS SÓLIDOS

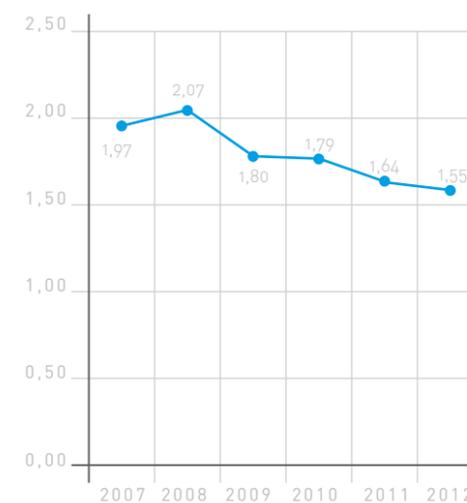
Em 2012, apesar do aumento da produção face ao ano anterior, os resíduos gerados foram bastante menores, porque não houve paragem anual.



● Kg de resíduos / tonelada de produção

CONSUMO DE ÁGUA

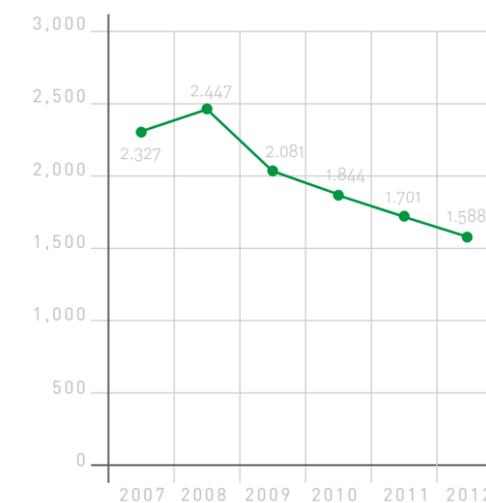
No rácio da água consumida *versus* produção verifica-se que se manteve constante face ao ano anterior, apesar de um aumento de produção.



● Água m3 / tonelada

CONSUMO DE ENERGIA

Verifica-se que o consumo energético se mantém constante apesar do aumento da produção.



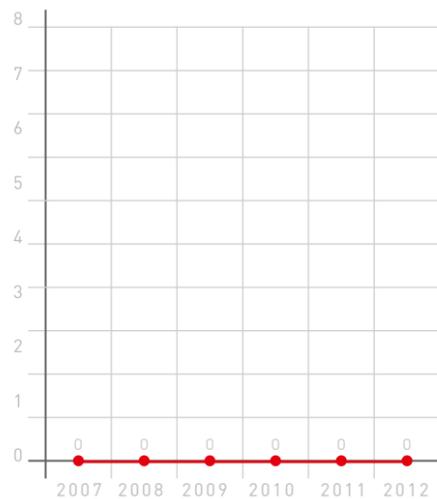
● Energia Mj / tonelada



AQP

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA

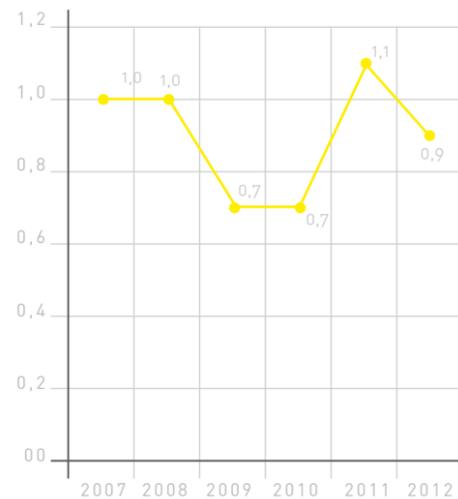
Na linha do habitual, as emissões de poluentes atmosféricos apresentaram valores muito baixos.



● Kg de emissões / tonelada de produção

RESÍDUOS SÓLIDOS

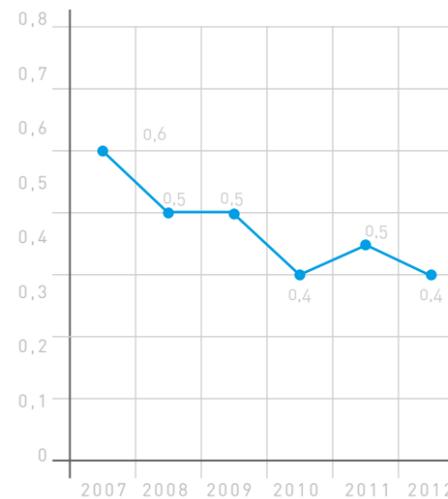
A produção de resíduos sólidos manteve-se na média dos últimos anos.



● Kg de resíduos / tonelada de produção

CONSUMO DE ÁGUA

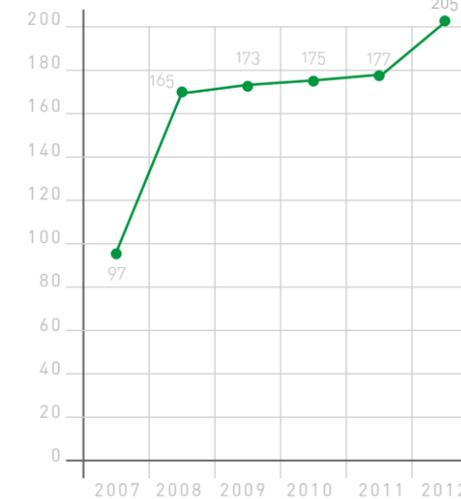
O ligeiro decréscimo do consumo específico de água está relacionado com as percentagens dos diferentes produtos fabricados, aos quais correspondem consumos específicos distintos.



● Água m3 / tonelada

CONSUMO DE ENERGIA

O incremento do consumo específico de energia está diretamente relacionado com o incremento do fabrico de produtos aos quais está associado um maior consumo energético.

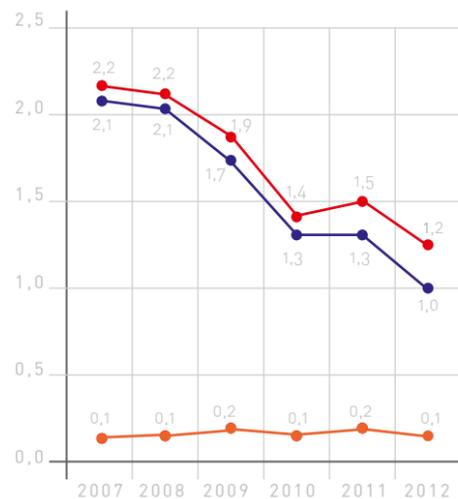


● Energia Mj / tonelada

CIRES

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA

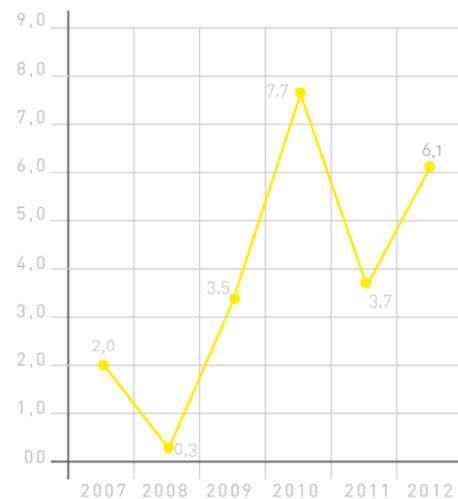
Confirmação da tendência de diminuição das emissões, quer na atividade da produção de PVC (CIRES) quer na de produção de vapor e eletricidade (BAMISO).



● Kg de emissões / tonelada de produção
● Contribuições Cires ● Contribuições Bamiso

RESÍDUOS SÓLIDOS

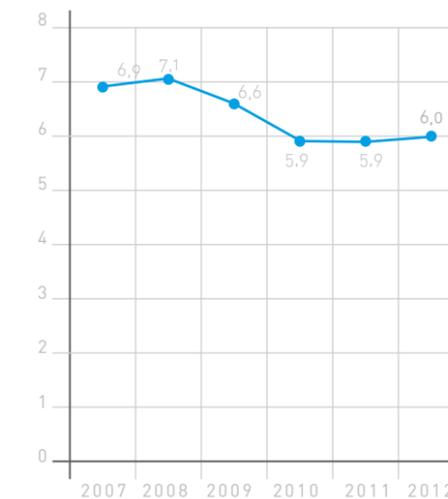
Cerca de 98% dos resíduos gerados, na sua maioria resíduos inócuos de PVC, são expedidos para valorização.



● Kg de resíduos / tonelada de produção

CONSUMO DE ÁGUA

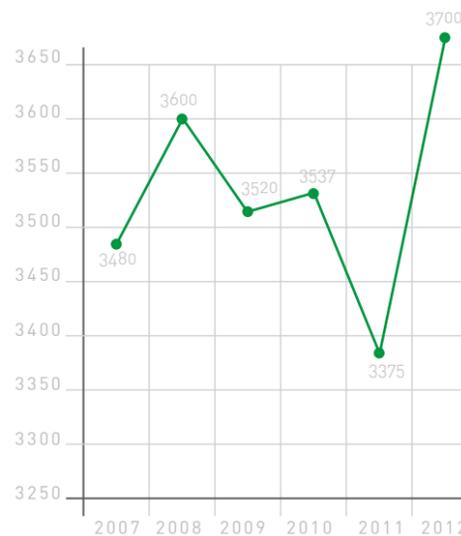
Nível de consumo idêntico ao dos últimos anos.



● Água m3 / tonelada

CONSUMO DE ENERGIA

O aumento de consumo de energia verificado em 2012 deveu-se à menor produção de vapor em cogeração, o que implicou um maior consumo de gás natural.



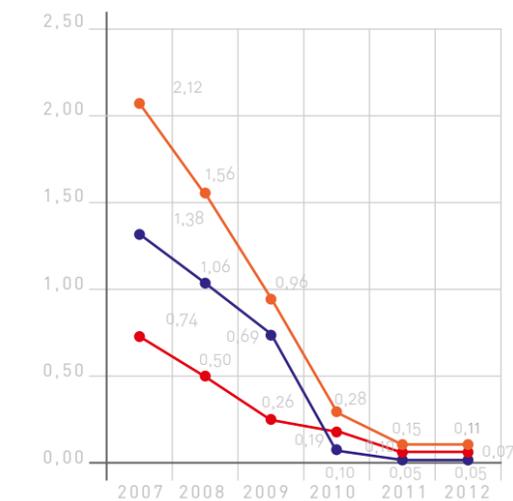
● Energia Mj / tonelada



CUF

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA

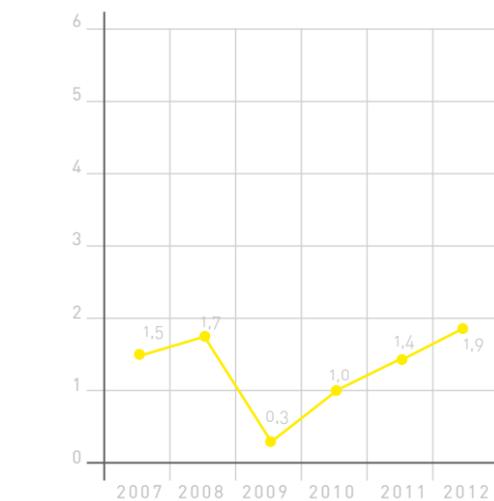
Apesar das emissões específicas de poluentes serem já muito baixas em 2011, ainda se verificou uma ligeira redução em 2012.



● Kg de emissões / tonelada de produção
● Contribuição ECE ● Contribuição CUF

RESÍDUOS SÓLIDOS

O ligeiro aumento de produção de resíduos em 2012 ficou a dever-se ao processo de dismantelamento da antiga unidade de produção de ácido nítrico.



● Kg de resíduos / tonelada de produção

CONSUMO DE ÁGUA

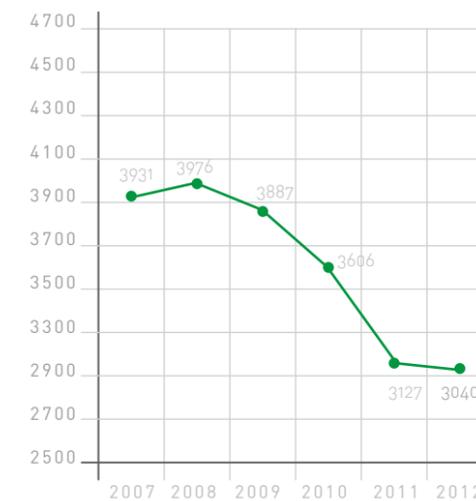
Em 2012, o consumo específico de água continua ao mesmo nível de 2010.



● Água m3 / tonelada

CONSUMO DE ENERGIA

Em 2012, verificou-se uma nova redução do consumo específico de energia.

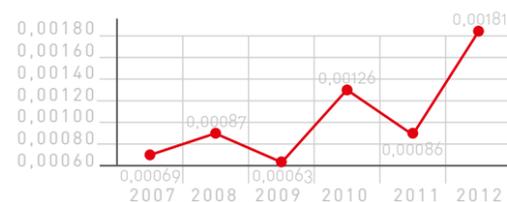


● Energia Mj / tonelada

DOW

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA

O volume de emissões, e seu aparente aumento no ano de 2012, deve-se ao facto de estes dados serem calculados a partir de resultados de emissões pontuais, ou seja, medições momentâneas feitas apenas 2 vezes no ano.*

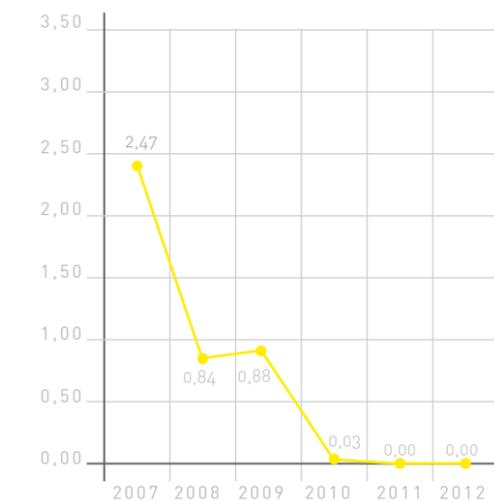


● Toneladas de emissões / tonelada de produção

*Este cálculo é feito tendo em conta a concentração do poluente analisado nessas medições, o fluxo de gás que sai da fonte (ou chaminé) e as horas em que a instalação está a funcionar. Sendo assim, não só as horas de funcionamento impactam no valor final de volume de emissão, decorrente de um maior volume de produção da fábrica, como também um valor pontual que para um determinado poluente pode ser superior à medição pontual do ano anterior, o que resulta num impacto significativo, porque é extrapolado para o resto do ano. A Dow optou, de maneira voluntária, por alterar métodos de monitorização, revendo alguns métodos de amostragem, de forma a obter dados mais realistas do volume das suas emissões. É importante destacar que a Dow continua a emitir abaixo dos valores limite definidos na sua Licença Ambiental e que possui um sistema de gestão ambiental que controla estes dados.

RESÍDUOS SÓLIDOS

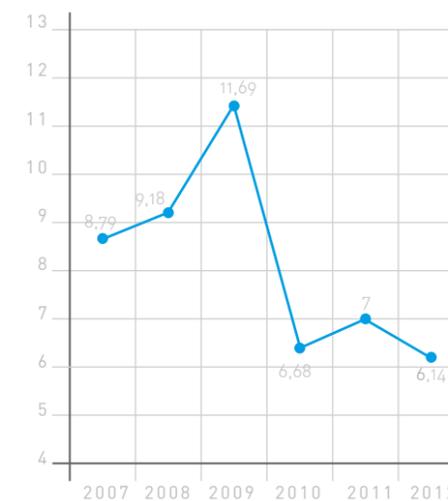
A Dow Portugal não envia resíduos perigosos para deposição final. Todos os resíduos perigosos gerados na Dow Portugal são eliminados por incineração térmica.



● Toneladas de emissões / tonelada de produção

CONSUMO DE ÁGUA

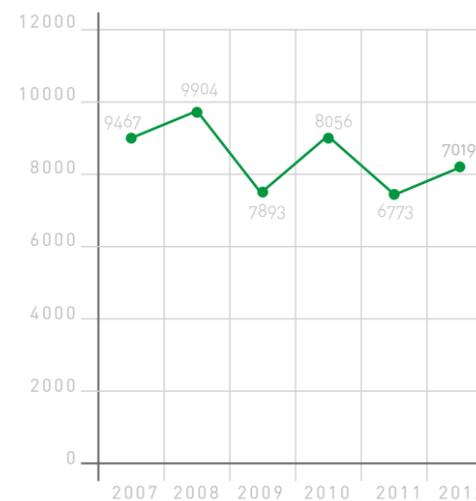
O consumo específico de água tem vindo a diminuir proporcionalmente ao aumento de produção.



● Água m3 / tonelada

CONSUMO DE ENERGIA

O consumo específico de energia tem vindo a diminuir, proporcionalmente ao aumento de produção.



● Energia Mj / tonelada

BREVES DO PACOPAR

PACOPAR VAI À ESCOLA EXPLICAR O “DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”

No dia cinco de março de 2012, o PACOPAR foi à Escola Secundária de Estarreja explicar o que é o desenvolvimento sustentável. Diogo Almeida Santos, atual responsável do secretariado do Painel, abordou a frágil relação entre o consumo humano e a conservação dos recursos naturais do planeta. Na palestra aos estudantes, foi abordado o problema de o homem estar a consumir recursos naturais a uma velocidade superior à sua reposição. Perante isto, que soluções podem oferecer os governos, a economia e as indústrias? O desenvolvimento sustentável aparece como uma conduta que deve levar os vários agentes a tentar conciliar a satisfação das necessidades humanas com a preservação dos recursos naturais terrestres.



PACOPAR NA FEIRA DE JUVENTUDE DE ESTARREJA

O PACOPAR e as suas empresas químicas estiveram presentes na 5ª Feira da Juventude, Formação e Proteção Civil de Estarreja, realizada nos dias 22 e 23 de março de 2012, no Pavilhão Municipal de Estarreja, por onde passaram centenas de estudantes da região. O certame, que tinha como objetivo informar os estudantes sobre opções de formação profissional e dar-lhes algumas noções relacionadas com a proteção civil, contou com a participação de cerca de 32 entidades. O Painel disponibilizou informações sobre as suas atividades e os princípios de Atuação Responsável. As empresas do Complexo Químico de Estarreja deram a conhecer aos visitantes os seus produtos e aplicações.



72 MIL EUROS PARA 16 ENTIDADES DE ESTARREJA

16 entidades, com 17 projetos das áreas social, educativa, desportiva, cultural e de proteção civil, foram contempladas com o apoio das empresas químicas do PACOPAR (Air Liquide, AQP, CIRES, CUF-QI e Dow), no valor de 72 352 euros. As contribuições financeiras, entregues no dia 24 de março, estão integradas no programa anual de donativos do Painel. Dos 28 projetos candidatos aos donativos de 2012, mais de metade foi contemplado. As empresas do Painel contribuíram assim para a melhoria de condições pedagógicas de algumas escolas, para a recuperação ou apetrechamento de infraestruturas e serviços de instituições de solidariedade social, para a aquisição de equipamentos necessários à prática desportiva em coletividades, apetrechamento de entidades de proteção civil local e para a conservação do património etnográfico de Estarreja.



SEMINÁRIO REACH - CLP

O PACOPAR, em parceria com a APEQ (Associação Portuguesa das Empresas Químicas), a Ordem dos Engenheiros e a Universidade de Aveiro (UA), organizou, no dia 30 de maio de 2012, o Seminário REACH - CLP. Com o objetivo de abordar o estado de implementação do Regulamento CLP - Regulamento (CE) nº 1272/2008 - e do REACH (registo, avaliação e autorização de produtos químicos), o evento teve lugar na UA, tendo contado com a participação de cerca de uma centena de pessoas. Algumas das apresentações feitas no seminário podem ser consultadas no sítio eletrónico do PACOPAR, em www.pacopar.org.





PACOPAR RECEBE 60 COLETIVIDADES EM PORTAS ABERTAS

Cerca de 60 coletividades do concelho de Estarreja visitaram as empresas químicas do PACOPAR no dia 20 de outubro de 2012. A visita inseriu-se numa jornada de Portas Abertas organizada pelo Painel, que tinha como objetivo estreitar a relação com estas entidades, dando a conhecer a atividade do PACOPAR, das empresas do Complexo Químico de Estarreja e auscultar a opinião dos dirigentes das associações sobre as possibilidades de intervenção comunitária para a melhoria da qualidade de vida no concelho. O evento terminou com uma plantação de 40 olaias, no Eco-Parque Empresarial de Estarreja, iniciativa que veio na sequência da primeira plantação de árvores feita em 2010, por ocasião da Jornada de Portas Abertas para autarcas locais.

RVR DEBATE IMPACTO ECONÓMICO DA INDÚSTRIA QUÍMICA EM ESTARREJA

Em parceria com a Rádio Voz da Ria, o PACOPAR debateu o “impacto da indústria química de Estarreja na economia local e nacional.” O programa, que foi para o ar no dia 10 de dezembro de 2012, contou com a participação de responsáveis das empresas do Complexo Químico de Estarreja (CQE) e do vereador da Câmara Municipal de Estarreja Diamantino Sabina. A iniciativa integrou-se no plano de atividades do Painel, que inclui a realização periódica de programas de debate em rádio. A caracterização atual das empresas, a análise aos resultados dos últimos investimentos realizados no CQE, o impacto da crise nacional e europeia na indústria química, as suas principais dificuldades e oportunidades e as perspetivas para o futuro desta indústria foram os assuntos debatidos.

CIRES REFORÇA FORMAÇÃO EM SEGURANÇA

No sentido de aumentar a capacidade de resposta a casos de emergência, a CIRES realizou em 2012 uma ação de formação dos seus brigadistas e implementou um sistema de desfibrilhação automático, respeitando a legislação em vigor relativamente à prática de atos de desfibrilhação por não médicos. Nesse sentido, a empresa complementou esta iniciativa com uma ação de formação em Suporte Básico de Vida e Desfibrilhação Automática Externa, dada às equipas de socorristas, ao médico do trabalho e enfermeiras do posto médico da empresa.

A CIRES realizou em abril de 2012 a sua paragem geral, um procedimento anual com vista à beneficiação de equipamentos, substituição de componentes e melhoria de algumas condições de trabalho. Pese embora o facto de se terem registado dois acidentes de trabalho de pequena gravidade (sem perda de dias de trabalho) e um outro que implicou assistência hospitalar, o balanço geral é positivo, dada a grande afluência em simultâneo de trabalhadores externos e empreiteiros às instalações fabris. De facto, durante o período de paragem foi validada a entrada de 16 empresas externas exigindo a formação de 97 trabalhadores externos e feita a validação de dezenas de autorizações de trabalho, entradas em espaços confinados, trabalhos de solda e corte, entre outros procedimentos de segurança.

A IGUALDADE DE GÉNERO NA INDÚSTRIA QUÍMICA

O PACOPAR colaborou na realização do livro *Desafios de Género e Igualdade*, uma iniciativa do Projeto BIG – Base para a Igualdade de Género, promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Estarreja. O Painel contribuiu com a escrita de um artigo de reflexão sobre a evolução da empregabilidade na indústria química de Estarreja, tendo em consideração a igualdade de género. As várias empresas do Complexo Químico de Estarreja abordaram a sua política de recursos humanos e fizeram o retrato de evolução de colaboradores do universo masculino e feminino. A obra *Desafios de Género e Igualdade* foi apresentada pela eurodeputada estarrejense Regina Bastos, no seminário “Desafios de Género e Igualdade em Estarreja”, realizado em 26 de novembro, no auditório dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, que contou também com a presença do PACOPAR.



AMBIENTE E DESPORTO NO AGRUPAMENTO DE ESTARREJA

O Agrupamento de Escolas de Estarreja (AEE) foi contemplado com a Bandeira Verde de Eco-Escola/2011-2012. O reconhecimento resultou da candidatura do agrupamento ao galardão, que implicou o desenvolvimento de um plano de ação durante o ano letivo. Os alunos desenvolveram um trabalho de pesquisa e reflexão, elaborando pequenos cartazes sobre a importância de preservar os recursos naturais. O passo final da candidatura consistiu na elaboração de um poster com o “Eco-Código”, uma lista de conselhos e condutas ambientais, tarefa realizada pelos alunos do 3.º ano turma B, da Escola Básica Padre Donaciano de Abreu Freire, o que resultou na atribuição da Bandeira Verde Eco-Escola. No âmbito do desporto, o AEE, em parceria com o Estarreja Andebol Clube e a Câmara Municipal de Estarreja, realizou o GarciCup – Torneio Internacional de Estarreja, que já vai na terceira edição. Crendo na importância do desporto para a saúde física, mental e social da pessoa, e sob o pressuposto de que a escola não é uma ilha fechada em si mesma, o AEE reuniu esforços logísticos, criando condições para o alojamento dos atletas, um momento que foi enriquecedor para todos os participantes.

TJA APLICA “PROJETO DE INTEGRAÇÃO DE UM SISTEMA DE INFORMÁTICA EMBARCADA NA FROTA”

A TJA implementou recentemente um “projeto de integração de um sistema de informática embarcada na frota”, que tem como principal objetivo diminuir o excesso de carga administrativa, reduzindo a circulação de papel que sobrecarrega os serviços e possibilitando ao motorista uma maior eficácia na comunicação com o gestor e o cliente. Destacam-se três vantagens com a aplicação do sistema: redução de combustível e de papel e a melhoria da eficácia na comunicação, tornando-a realizável “ao minuto”. É na eficácia da comunicação que reside a principal vantagem da aplicação do sistema. 25 motoristas já receberam formação para trabalhar com o sistema, estando planeado abranger a totalidade dos restantes 475 profissionais. 12 viaturas já dispõem do equipamento.



SEMA APOSTA NA EXCELÊNCIA PELA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A SEMA – Associação Empresarial - iniciou no ano passado um plano de formação, que se desenvolverá até final de 2013, com um conjunto de ações cofinanciadas nas áreas de comércio, contabilidade e finanças, gestão e administração, secretariado e trabalho administrativo, enquadramento na organização/empresa, ciências informáticas e hotelaria e restauração. O plano foi aprovado no âmbito do Programa Operacional de Potencial Humano, enquadrado no QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional. A SEMA continua assim a apostar na formação contínua como fator de competitividade dos seus concelhos de influência, Albergaria a Velha, Estarreja, Murtosa e Sever do Vouga.

PONTE PEDONAL UNE CIDADE DE ESTARREJA A SALREU

A Câmara Municipal de Estarreja (CME) inaugurou, em julho de 2012, a Ponte Pedonal sobre o Rio Antuã, unindo a cidade de Estarreja à vila de Salreu, ampliando o perímetro do circuito pedonal e melhorando as condições para a prática desportiva e de lazer. A obra está incluída na operação de “Qualificação do Espaço Público e do Ambiente Urbano da Cidade de Estarreja” – Parcerias para a Regeneração Urbana, que contemplou um conjunto de projetos para o centro do concelho e ampliação à zona ribeirinha. Neste âmbito, destaca-se ainda a reconversão da Piscina Maria de Lurdes Breu em pavilhão multiusos, reforçando a vivência do Parque do Antuã e a requalificação da Casa da Cultura na Praça Francisco Barbosa, tendo-se aumentado a galeria de exposições e criado novas salas adjacentes.

A CONTRATUALIZAÇÃO E A MELHORIA DA PERFORMANCE DOS CUIDADOS DE SAÚDE

O maior problema do sistema de saúde português é a sua sustentabilidade financeira. O propósito dos sistemas de saúde não consiste só em reduzir custos ou produzir cuidados de saúde, mas sim em fornecer aos seus utentes mais valor em saúde, ou seja, melhor saúde por euro gasto. Com este intuito houve a necessidade de implementar compromissos entre os prestadores de cuidados de saúde e o Estado, enquanto entidade financiadora melhorando a eficiência e a maximização dos ganhos em saúde. Para atingir estes objetivos surge a contratualização que, com base em indicadores (variáveis mensuráveis) valoriza a acessibilidade dos utentes aos cuidados de saúde, a qualidade dos atos prestados e os ganhos em saúde. Os departamentos de contratualização em função dos objetivos (metas) contratualizadas com os ACeS acompanham e monitorizam o seu desempenho e têm um papel interativo na deteção de desvios aos objetivos contratualizados, ajudando a encontrar as melhores soluções para os problemas, ao mesmo tempo que promovem a responsabilização e autonomia dos prestadores no cumprimento do contratualizado (negociado).





BROA DE AVANCA ESTÁ A RENASCER GRAÇAS À CONFRARIA

COM AS MÃOS NA MASSA

NUM VELHO MOINHO DE ÁGUA, JUNTO DA CASA-MUSEU EGAS MONIZ, A BROA ESTÁ A GANHAR NOVA VIDA. O MÉRITO É DA CONFRARIA DA BROA D'AVANCA, FORMADA EM 2004. GRAÇAS À SUA AÇÃO, OS SABERES E OS SABORES TRADICIONAIS DA REGIÃO ESTÃO SALVAGUARDADOS

Por Paulo Caetano

O fumo branco que sai da chaminé do velho moinho de água, agora recuperado e caiado, dá o sinal de que o forno está a aquecer. Lá dentro, o confrade José Maioto, de 64 anos, remexe as brasas e garante que se irá alcançar a temperatura certa. Na divisória do lado, em frente das mós de pedra que vão triturando lentamente os grãos de milho, Domingas Valente, de 66 anos, peneira a farinha. Tem de garantir que retira todos os carolos e que só irá utilizar a farinha mais fina e pura.

O som da água, que corre turbulenta no canal exterior do moinho, e o ranger sofrido da pedra da mó invade todo o espaço. É aqui, neste moinho restaurado pela autarquia, que a Confraria da Broa d'Avanca está a fazer renascer o interesse por este "pão dos pobres", agora transformado em produto *gourmet*. Ao recuperar a velha receita artesanal de fabrico da broa - recorrendo à força dos braços para fazer a massa e ao forno a lenha para a cozedura lenta -, a Confraria está a perpetuar os antigos saberes e a tornar vivo o sabor tradicional deste afamado pão. "A defesa da broa de Avanca faz-se preservando a sua autenticidade e dinamizando ações que a associem ao cultivo do milho. Mas o nosso objetivo final é conseguir

a certificação deste produto antigo", defende o grão-mestre Manuel Firmino, de 59 anos.

No moinho, Domingas Valente evita pôr as mãos na massa. Ainda não chegou o momento. Pega num púcaro com água a ferver e verte-a sobre a farinha amontoada. Depois, com uma grande colher de pau, vai rodando e misturando. Repete a operação uma e outra vez, adicionando farinha e água. Quando a temperatura baixa, e a água fica morna, chegou o momento de Domingas Valente adicionar sal, farinha de centeio e o isco - o fermento que fará crescer a broa.

Depois, há que mergulhar as mãos na massa do pão. Os seus dedos ganham força e alento. Alisam, remexem, volteiam. Voltam a alisar. Batem com força. Acariciam a massa com desvelo. É assim que começa a nascer a broa de Avanca: farinha e água em doses sábias. E muito trabalho de mãos. Gestos longos e fluidos. Ou secos e bruscos. Por entre os dedos nodosos e experientes de Domingas Valente, a massa ganha consistência. E toma forma. Quando isso finalmente acontece, é chegado o momento de a colocar a um canto da maceira de madeira escura e de lhe fazer uma cruz com a mão. Recitando em jeito de oração: "S. Mamede te levede, S. Vicente te acrescente, S. João te faça pão. Nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amen".

Com o orgulho de quem cumpriu a sua tarefa, Domingas Valente cobre, então, a massa com um imaculado pano de lã e dá-lhe algumas horas para a ver crescer e encorpar. "Este saber veio dos meus pais e avós, de os ver fazer a broa e de os ajudar. Era tudo feito à mão e é assim que tem de se fazer, se queremos cozer uma ótima broa", afiança Domingas Valente.

Quando chega ao momento, o forno já está pronto. José Maioto já retirou as brasas com uma pá e varreu as cinzas com uma vassoura de giestas. Pega numa enorme pá de padeiro e coloca lá a massa que vai cozer. Com jeito, maneja a pá e pousa a massa no interior do forno - que é fechado de imediato. Depois aguarda umas quatro ou cinco horas, dependendo se se gosta da broa mais cozida ou não. Horas que são passadas em amena cavaqueira, com um copo de tinto como companhia, recordando as peripécias que levaram à constituição da Confraria. "Era um grupo de amigos que se reuniam num café e que tinham pena de ver os moinhos de água de Avanca a degradarem-se e a broa, da nossa meninice, a desaparecer", recorda Manuel Firmino, enquanto José Maioto logo acrescenta: "Neste momento somos 32 confrades e 3 congreiras, além da Domingas Valente que é congreira honorária. É das suas mãos que saem as nossas melhores broas".

No final, há que fazer a prova. A broa ainda escaldada entre as mãos e o fumo sai cheiroso, quando o pão amarelo é partido e repartido. A opinião é unânime: "Delicioso, sem dúvida!".

AVANCA 2013

UM FESTIVAL DE CINEMA

Por Ana Paula Valente

Com mais de três décadas de existência, o Cine-Clube de Avanca (CCA) produz, distribui e exhibe obras de cinema e audiovisuais. O CCA tem produzido animação, ficção e documentários, constantemente exibidos em festivais dos cinco continentes e conta já com cerca de meia centena de obras produzidas e mais de uma centena e meia de prémios nacionais e internacionais no seu vasto currículo.

Motivo de orgulho local, o estúdio de produção de cinema de animação existente em Avanca é um dos que tecnicamente se encontra melhor preparado no país, tendo produzido a primeira longa-metragem da animação portuguesa. Este estúdio desenvolve um importante trabalho de exibição cinematográfica itinerante, sendo ainda o responsável pela organização de diversas ações de formação na área e, desde 1997, dos "Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia" – Festival de Cinema AVANCA.

Um festival de cinema por Avanca

O Festival de Cinema AVANCA tem constituído um

local privilegiado de divulgação, reflexão e debate da mais recente investigação em torno do cinema. Durante esta iniciativa, que tem lugar na última semana de julho, Avanca é assim o ponto de encontro de investigadores, académicos, realizadores, produtores, atores, críticos, técnicos, cinéfilos, entre outros, vindos um pouco de todo o mundo.

O evento divide-se entre dois espaços, o Auditório Paroquial de Avanca, onde é exibida a competição internacional de cinema e vídeo, e a Escola Egas Moniz, onde acontecem sessões constantes ao longo do dia, exibindo documentários selecionados para a competição de televisão, os filmes da competição vídeo, para além dos filmes em panorama e nas secções paralelas.

Em 2012, a competição internacional recebeu mais de 2300 filmes de 69 países. Destes filmes foram selecionados cerca de 200 obras que tendo sido exibidos ao longo dos dias do festival, foram vistos por cerca de 18.000 espetadores e por sete

conjuntos de júris, constituídos por 32 individualidades de 12 países, que atribuíram 15 prémios e nove menções honrosas.

Atrizes como Hanna Shygulla (a atriz dos filmes de Fassbinder, o nome maior do cinema alemão e europeu), Sylvia Kristel (holandesa que protagonizou os maiores êxitos de bilheteira de sempre e que nos deixou no ano passado), Assumpta Serna (a atriz de "Matador" de Almodover e da série norte-americana "Falcon Crest"), realizadores premiados ou nomeados para o Óscar, como o canadiano Co Hoedeman, o russo Konstantin Bronzit ou o estoniano Tanel Toom, vencedores de Cannes e Berlim, como o belga Jaco van Dormael, o argentino Juan Solanas ou o sérvio Dusan Makavejev. Todos passaram por Avanca e de forma inédita aqui dirigiram *workshops*, na grande maioria pela primeira vez nas suas vidas.

De referir ainda que o Festival de Cinema de Avanca é organizado em parceria com a Câmara Municipal de Estarreja, contando ainda com o apoio do ICA/Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Desporto e da Juventude, Academia Portuguesa de Cinema, APEVT, DeCA / Universidade de Aveiro, ESAP, ESAD, Teatro Aveirense, Junta de Freguesia, Agrupamento de Escolas e Paróquia de Avanca, para além de várias entidades locais.

A 17.ª edição ininterrupta já está em marcha. A abertura da Competição Internacional do "AVANCA 2013 – Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia" acontecerá no Auditório Paroquial de Avanca de quarta-feira, dia 24 de julho, até domingo, dia 28.

Reserve já na sua agenda!

Para saber mais, não deixe de visitar as páginas na internet: www.avanca.com, www.avanca.org.

WORKSHOPS COM OS MELHORES

Todos os anos seis a oito *workshops* permitem o encontro dos participantes do AVANCA com alguns dos mestres do cinema mundial. Alguns dos filmes produzidos nestes espaços de formação têm mesmo tido exibição internacional noutros festivais.

Em 2012, entre estes, um trabalho conjunto entre professores e jovens resultou numa experiência inédita na forma de trabalhar o cinema de animação na sala de aulas. As crianças do concelho de Estarreja tiveram a oportunidade de experimentar, conjuntamente com meninos de outras cidades e de outros países, como é possível fazer cinema de animação na escola.

UMA JANELA MUNDIAL PARA O CINEMA DA REGIÃO

Uma particular relevância tem sido dada ao cinema português, afirmando-se a importância que o AVANCA tem tido ao longo de 16 anos para a formação e promoção dos novos cineastas nacionais.

Em 2012 foram selecionados 15 filmes produzidos ou coproduzidos na região, para a Competição Avanca, numa forte demonstração que a atividade cinematográfica está a ter na região. Nos últimos quatro anos, os filmes produzidos em Avanca têm recebido cerca de 15% da totalidade dos prémios atribuídos ao cinema português pelos festivais de cinema no estrangeiro.

UMA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Uma conferência internacional tem marcado os últimos anos do festival (desde 2010), reunindo académicos e investigadores de cerca de vinte países que apresentaram em julho 166 comunicações sobre a investigação mais recente à volta do cinema. "AVANCA|CINEMA - Conferência Internacional de Cinema - Arte, Tecnologia, Comunicação" é um evento que se integra no Festival com o propósito de promover Portugal como pólo aglutinador e dinamizador de novos conhecimentos, proporcionando aos investigadores nacionais e estrangeiros a troca de experiências e informação, que servirá para dinamizar e projetar o estudo nas áreas do cinema, arte, tecnologia e comunicação.





CONTACTOS

CHAIRMAN DO PAINEL

António Castro Valente
Email: acastrovalente@gmail.com

SECRETARIADO (CUF-QI)

Diogo Almeida Santos
Email: diogo.santos@cuf-qi.pt

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE AVANCA – PROF. DR. EGAS MONIZ

Rua do Morgado, 120
3860-127 Avanca
Tlf.: 234 850 120
Professora: Alice Fragateiro
Email: fragateiro@megamail.pt

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PARDILHÓ

Rua Padre Garrido, Apt. 8
3869-464 Pardilhó
Tlf.: 234 850 150
Professora: Leontina Pinto
Email: lapp@gmail.com

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ESTARREJA

Rua da Arrotinha, Apt. 25
3820-207 Estarreja
Professor: João Tavares
Email: adjunto1ceb@gmail.com

AIR LIQUIDE

Sociedade Portuguesa do Ar Líquido
Apt 91
3861-208 Estarreja
Tlf.: 234 840 500
Diretor Fabril: Luís Ferreira
Email: luis.ferreira@airliquide.com

APEQ – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DAS EMPRESAS QUÍMICAS

Avenida D. Carlos I, 45-3º
1200-646 Lisboa
Tlf.: 213 932 060

Fax: 213 932 069
Email: apeq@dapequimica.pt

AQP

Aliada Química de Portugal, Lda
Quinta da Indústria, Beduído
3860-680 Estarreja
Tlf.: 234 810 300
Diretor geral: Alvarim Padilha
Email: alvarim.padilha@cuf-qi.pt

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA URBANIZAÇÃO DA PÓVOA DE BAIXO

Rua Quinta da Póvoa,
Urbanização da Póvoa de Baixo
3860 Estarreja
Tlf.: 234 845 385
Representante no PACOPAR: António Oliveira
Email: amupb1993@gmail.com

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESTARREJA

Rua Desembargador Correia Pinto
Apt. 76 – 3864-909 Estarreja
Tlf.: 234 842 303
Comandante: Ernesto Rebelo
Email: bvestarreja.comando@mail.telepac.pt

CÂMARA MUNICIPAL DE ESTARREJA

Praça Francisco Barbosa
3864-001 Estarreja
Tlf.: 234 840 600
Presidente: José Eduardo Matos
Email: jose.eduardo.matos@cm-estarreja.pt

CEGONHA – ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO AMBIENTE DE ESTARREJA

Apt. 100 – 3860- 356 Estarreja
Tlf.: 966 551 372
Representante: Miguel Oliveira e Silva
Email: mos@ua.pt

CENTRO DE SAÚDE DE ESTARREJA

Rua Almeida Eça- Teixugeira
3860-335 Estarreja
Tlf.: 234 810 600
Diretor: J. M. Vera Cruz Félix
med.estarreja@ccsestarreja.min-saude.pt
Delegada de Saúde de Estarreja:
Maria Ofélia Almeida
Email: as-estarreja@ccsestarreja.min-saude.pt

CIRES

Apt. 20, Samouqueiro – Avanca
3864-752 Estarreja
Tlf.: 234 811 200
Diretor Técnico: Hélder Paula
Email: helder.paula@cires.pt
Relações com a Comunidade: Paulo Jorge
Email: paulo.jorge@cires.pt

CUF – QUÍMICOS INDUSTRIAIS

Quinta da Indústria – Beduído
3860-680 Estarreja
Tlf.: 234 810 305
Administrador Delegado: João Fugas
Email: joao.fugas@cuf-sgps.pt
Diretor de Projetos:
Diogo Almeida Santos
Email: diogo.santos@cuf-qi.pt

DOW PORTUGAL

Rua do Rio Antuã, nº 1
3860-529 Beduído - Estarreja
Tlf.: 234 811 000
Diretor Geral: Jacint Domenech
Email: jdomenech@dow.com

ESCOLA SECUNDÁRIA DE ESTARREJA

R. Dr. Jaime Ferreira da Silva
3860 – 256 Estarreja
Tlf.: 234 841 704/5
Professora: Rosa Domingues
Email: esc.se@mail.telepac.pt

GNR ESTARREJA

Rua Dr. Pereira de Melo, n.º 188
3860-375 Estarreja
Tlf.: 234 810 690
Comandante: Davide Baptista
Email: baptista.dsr@gnr.pt

CENTRO HOSPITALAR DO BAIXO VOUGA

Av. Artur Ravara
3814-501 Aveiro
Tlf.: 234 378 300
Pedro Almeida
Catarina Resende
Email: sec-geral@hdaveiro.min-saude.pt

SEMA – ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL

R. Dr. Alberto Vidal, 63
3860-368 Estarreja
Tlf.: 234 843 689
Presidente:
José Teixeira Valente
Email: josevalente@sema.pt

TRANSPORTES J. AMARAL

R. Dr. José Justiniano, 195
Apt. 11
3860-371 Estarreja
Tlf.: 234 840 800
Resp. Qualidade,
Ambiente e Segurança:
Maria Manuel Gamelas
Email: maria.gamelas@tja.pt

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Campus Universitário de Santiago
3810-193 Aveiro
Tlf.: 234 370 200
Professora:
Myriam Lopes
Email: myr@ua.pt

WWW.PACOPAR.ORG

Secretariado: CUF-QI Tel: 234 810 305 Email: info@pacopar.org

